

ANOS

**ACADEMIA DE LETRAS DE SÃO JOÃO DA BOA VISTA - EDIÇÃO 11
EDIÇÃO ESPECIAL DO JUBILEU DE OURO**

Palavra do Editor

DURANTE O PERÍODO de criação desta edição, ativemo-nos ao Cinquentenário da Academia de Letras nos mais diversos momentos dessa longa jornada: observando o passado infundido na história de realizações em contraponto a um presente mergulhado na pandemia da Covid-19. Preocupava-nos a impossibilidade de comemorar presencialmente a data bem como o risco de lançar este periódico sem público presente e, mais que isso, a dificuldade de fazê-lo chegar ao leitor, incertezas que se mantiveram mesmo após a revista concluída. Contudo, encorajados pela grandiosidade da data, o Jubileu de Ouro será comemorado no formato que nos for possível celebrá-lo e, igualmente, o lançamento desta edição da ARCA. Um evento sustido por Colaboradores e Amigos das Letras, a quem agradecemos a confiança.

Já na seção LuzGrafia, o leitor poderá conferir as galerias dos fundadores e dos acadêmicos atuais. Na seção Arcadianas, definimos mesclar textos de acadêmicos de ontem e de hoje. Na seção Aqui Aconteço, os trabalhos desenvolvidos durante a pandemia, por *live*, num formato singular a cada novo evento, estão ali registrados para ressaltar que não podemos parar; muitas vezes só a arte consola em meio à dor ou à amarga sensação de isolamento. Bem sabemos sobre tais sentimentos nos últimos meses.

Ao final do trabalho desta edição, elegemos como ousados, não os meses de perseverança da equipe editorial, mas os cinquenta anos de história da Academia de Letras, pincelados nesta 11ª edição. Cada palavra nela impressa representa um jorrar de cultura, determinação, iniciativa, informação, saber, parcerias, comprometimento e trabalhos dignos de acadêmicos preocupados em preservar a memória cinquentenária desta Casa de Letras.

Parabéns a todos os envolvidos nessa trajetória!

EDIÇÃO 11 | ANO 08 | NOVEMBRO 2021

01 Palavra do Editor

02 Bastidores

04 Letras em Retrato

08 Por onde Andei...

10 Crítica Literária

12 São João à Vista

18 Academia em Revista

22 LuzGrafia

24 Arcadianas

58 LuzGrafia

60 Aqui Aconteço...

78 Sopa de Letras

80 Afiando a Língua

82 Livros

Bastidores

ACADEMIA DE LETRAS DE SÃO JOÃO DA BOA VISTA



50 anos



COMO PARTE DAS CELEBRAÇÕES de seus cinquenta bem vividos anos, a Academia de Letras brinda o leitor com esta edição comemorativa da revista ARCA. Aqui estão registrados aspectos da história da instituição e da cidade: fotos e textos dos acadêmicos atuais e dos fundadores; Pagu e Semana Furlanetto; considerações sobre o Hino Nacional e sobre novos sentidos ora atribuídos a velhas palavras; viagens por livros, músicas e espaços. Dentre estes, destaco o Rio Jaguari, cantado nos versos de Emílio Lansac, membro fundador desta Casa e seu bardo maior, e captado pelas lentes sensíveis de Fritz Nagib, a quem agradeço a disponibilidade.

Agradeço ainda aos patrocinadores e colaboradores, em ordem alfabética: CIESP, Dacota Condutores Elétricos, Doce Vida, Equipe do 2º Tabelaio de Notas da cidade, Fernando Nagib, Heloísa Tiraboschi Romanholi, Paixão por Vendas, Prefeitura Municipal e seu Departamento de Cultura, Rafael Cambaúva, Soufer, Unifae, Unifeob, Unimed. Por fim, minha gratidão às confreriras que participam da produção desta revista: Lucele-na Maia, na edição; Maria José Moreira, na revisão; e Neusa Menezes, na diagramação.

Vinte meses separam esta edição da ARCA da anterior. Não por falta de vontade ou de empenho das diretorias nem por falta de inspiração dos acadêmicos, sempre prontos a colaborar, mas por obra da pandemia que tem castigado a sociedade à reclusão social, às dificuldades econômicas e ao receio de manusear até mesmo uma apreciada revista literária.

Quiçá possa esta publicação rodar por muitas mãos, tocar muitas mentes e despertar muitas emoções.

Nesse lapso tempo, aprendemos a vencer a paralisia inicial e a buscar novos formatos para os eventos, usando das ferramentas que a tecnologia oferece. Se é certo que estes perderam um tanto do glamour e aconchego da presença humana, também é certo que ganharam não só novos participantes, presentes por vídeo, como também um público antes inimaginado, assim como proporcionaram animados comentários na sala virtual de bate-papo. Tudo isso o leitor encontra nas fotos da seção “Aqui aconteceu”, a ilustrar o novo formato das reuniões acadêmicas: cada qual em sua casa, ilhado em frente a uma tela – do celular, do computador, da tevê – acompanhando-as pelo *Zoom* ou pelo *YouTube*. Igualmente, alguns textos têm como pano de fundo este momento histórico que estamos vivendo.

Fica, pois, o convite à leitura desta ARCA como um registro do presente e da história da instituição. Caro leitor, desfrute!

Beatriz Castilho Pinto
Presidente

Letras em Retrato

PAGU, uma mulher sanjoanense



Pagu aos 20 anos

PAGU é uma constelação de vozes e imagens. Foi poeta, desenhista, jornalista, musa inspiradora da terceira geração do Modernismo, romancista, política militante, dissidente desta mesma política partidária, incentivadora da cultura universal, mulher precursora.

A personalidade de Pagu foi assim descrita pela professora e acadêmica Maria Célia de Campos Marcondes: “Era a eterna rebelde, contestou os valores da época, posicionou-se politicamente e como mulher; sofreu torturas e esteve presa muitas vezes. Seu padrão de comportamento nunca

*Pagu tem os olhos moles
uns olhos de fazer doer
Bate-coco quando passa
Coração pega a bater
Eh Pagu eh!
Dói porque é bom de fazer doer (...)
(Raul Bopp)*

se enquadrou no ‘politicamente correto’ seja como mulher, militante política, esposa ou mãe. Sempre esteve à frente de sua época, desafiou os padrões vigentes, contestou, viveu de buscas e ansiedades, sem máscaras, mantendo sempre a marca do feminismo. Era uma mulher bonita e atraente, reunindo numa rara conjunção a beleza física, espiritual e intelectual.

Andou na contramão, por isso ainda hoje incomoda, provoca e intriga; encarou a verdade através da paixão pela vida, pela existência humana; era incorporação da ousadia, da polêmica, da crítica e do protesto. Sempre se recusou a limitar-se à rotina dos serviços domésticos, engajando-se numa verdadeira revolução cultural.

É espelho, é cristal, luz e vida para as pessoas que buscam a verdade e a realização dos sonhos utópicos, e os dela transpunham seus limites pessoais, chegando a pensar num mundo igualitário no qual todos seriam felizes e teriam oportunidades”.

Pagu nasceu no dia 14 de junho de 1910 em São João da Boa Vista, (segundo sua certidão de nascimento), na casa nº 21 da antiga rua São João (hoje Getúlio Vargas). Foi a terceira filha de Adélia Rehder Galvão e do advogado e jornalista Thiers Galvão de França. A casa



Pagu com 3 anos em São João da Boa Vista

onde nasceu Patrícia, embora construída de taipa e barro sovado, era sólida e de boa aparência. Três anos depois a família mudou-se para São Paulo. É nesta cidade que cresceia vertiginosa e desordenadamente, que Patrícia passa a frequentar a escola. De saia azul, blusa branca, cabelos soltos e batom escuro, ela chama a atenção dos rapazes da Faculdade de Direito ao passar diariamente pelo Largo de São Francisco.

Na adolescência, Pagu começou as primeiras colaborações no Brás Jornal. Escolheu como primeiro pseudônimo *Patsy*.

Nessa época, iniciou seus estudos no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, onde tornou-se aluna de Mário de Andrade e de Fernando Mendes de Almeida.

Por volta de 1928, passou a frequentar as reuniões do casal Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral. O poeta Raul Bopp é quem a teria apresentado a Tarsila e a Oswald. Bopp criou para Patrícia o apelido *Pagu* (por achar que o seu nome fosse Patrícia Goulart).

Em 1929, fez sua primeira colaboração na *Revista de Antropofagia* (2º denteção, nº 2, um desenho).

Casou-se em 28 de setembro com o pintor Waldemar Belisário. O casamento foi *pro forma*, estava grávida de Oswald e o enlace serviria para salvar as aparências. Após a cerimônia civil, Oswald recebeu a noiva de Belisário, no alto da Serra de Santos e, enquanto o pintor voltava a São Paulo, Oswald e seu filho Nonê se juntavam a Patrícia rumo à praia. O casamento com Belisário foi anulado em fevereiro de 1930. Oswald Andrade e Patrícia Galvão casaram-se diante do jazigo da família dele em São Paulo, no Cemitério da Consolação, em 5 de janeiro. O filho do casal Oswald e Pagu, Rudá de Andrade, nasceu em 25 de setembro de 1930. Em dezembro, Pagu deixa o filho pequeno em casa e viaja para Buenos Aires. Ali conhece Luís Carlos Prestes e Jorge Luis Borges.

Por volta de 1931, Pagu ingressou no Partido Comunista Brasileiro. Junto com Oswald, Pagu passou a editar o jornal *Homem do Povo*, no qual tinha a seção “*A Mulher do Povo*”. Esse jornal foi proibido pela polícia após oito números polêmicos, que valeram o empastelamento do seu escritório por estudantes da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo.

Com 21 anos de idade, foi presa pela primeira vez em 23 de agosto, em Santos-SP, ao participar de um comício em homenagem a Sacco e Vanzetti. Foi levada para o cárcere na Praça dos Andradas, hoje um espaço cultural. Ao sair da prisão, foi morar numa vila operária, no Rio de Janeiro, onde trabalhou com lanterninha de cinema e tecelã. Por esta ocasião, escreveu no Diário de Notícias.

No ano de 1933, publicou o romance *Parque Industrial*. A edição foi paga por Oswald. Ela assina o livro como *Mara Lobo*, por exigência do Partido Comunista.

Em dezembro deste mesmo ano, decidiu viajar pelo mundo, enviando reportagens para jornais como o Diário de Notícias e o Correio da Manhã, cariocas e o Diário da Noite, paulistano. Seu itinerário: Rio, Belém, Califórnia, Japão, China, Rússia, Polônia, Alemanha, França. Durante esta viagem ficou amiga do último imperador, Pu-Yi. Conseguiu dele, na Mandchúria, as sementes de soja que iniciam a cultura no Brasil, a pedido de Raul Bopp e por intervenção do embaixador Alencastro Guimarães.

No retorno dessa viagem, desiludiu-se com a União Soviética e com o comunismo e passou a ser membro do Partido Socialista francês. Trabalhou em Paris no jornal *L'Avant-Garde* e como tradutora de filmes. Com o pseudônimo de *Léonie*, entrou para o PC francês. Foi ferida em lutas de rua e presa três vezes. Acabou sendo deportada para a Alemanha nazista, e foi salva pelo embaixador brasileiro Souza Dantas, que conseguiu recambiá-la para o Brasil. De volta, trabalhou no jornal *A Platéia*, em São Paulo. No ano de 1934, separou-se de Oswald de Andrade.

Logo depois, foi presa por causa do levante comunista, liderado por Luiz Carlos Prestes. Sendo absolvida em São Paulo, foi condenada a dois anos de prisão no Rio de Janeiro. Antes de cumprir toda a pena, fugiu do Hospital Santa Cruz, em 1937, sendo presa novamente em 1938. O Tribunal Nacional de Segurança do Estado Novo de Getúlio Vargas condenou-a a mais dois anos e meio de prisão.

Logo após ser libertada em 1940, casou-se com Geraldo Ferraz e, em 18 de junho de 1941, nasceu Geraldo Galvão Ferraz.

No ano de 1945, Pagu publicou o romance *A Famosa Revista*, que escreveu junto com Geraldo Ferraz. Em seguida, começou a trabalhar na agência France Press onde ficou por onze anos.

Pagu candidatou-se a deputada estadual em São Paulo, no ano de 1948, pelo Partido Socialista Brasileiro. Neste período, publicou o panfleto *Verdade e Liberdade* e também trabalhou no jornal *Fanfulla*.

Frequentou a Escola de Arte Dramática, por volta de 1952 e, como estava morando em São Vicente e Santos, começou a trabalhar no jornal *A Tribuna*. Deu início a uma das primeiras colunas de TV do país, com o pseudônimo *Gim*. Em setembro de 1962, publicou no jornal seu último texto, o poema "*Nothing*".

Doente com câncer de pulmão, viajou à França para realizar uma cirurgia que não foi



Anos 30. Pagu com Oswald de Andrade e o filho Rudá

bem-sucedida. Tentou suicidar-se, após o fracasso da intervenção cirúrgica.

Retornou a Santos, onde morreu em 12 de dezembro. Está enterrada no Cemitério do Saboó.

Relato de Eduardo Menezes sobre o grafite de Pagu: “Depois que produzimos a XV Semana Fernando Furlanetto, eu e o Anselmo Martins Dutra, queríamos produzir uma outra grande obra na cidade. Pegamos o meu carro e rodamos São João inteira atrás de um muro. Tínhamos quase desistido, quando rodando no cen-

tro demos de cara com um belo muro. Olhamos um para o outro e falamos: *é aqui!* Depois eu comentei com a Neusa Menezes (minha mãe) que iríamos fazer um outro grafite e foi ela quem disse: *É lá que nasceu a Pagu.* Essa descoberta deu o rumo para o projeto. Conseguimos patrocínio com a Prefeitura, Unifeob e pessoas particulares e convidamos o paulistano Cláudio Ethos para fazer a obra. O Anselmo já conhecia o trabalho, tinha trabalhado com ele em Londres e quando eu vi o Instagram dele com as obras, vi a qualidade, senti que ele era o artista certo para fazer a obra. O projeto demorou alguns meses para ser produzido.

Quando começamos a obra, por uma coincidência, foi na exata data de aniversário que estava na certidão de nascimento dela que a Neusa nos entregou. Depois de 106 anos exatos de seu nascimento, ela estava sendo homenageada no local onde nasceu. Está na rua Getúlio Vargas, presidente que a mandou prender, outra ironia.



Grafite de Pagu, pintado pelo artista Claudio Ethos no local onde ela nasceu - 2016

Ethos se conectou muito com a Pagu e deixou nessa obra muitas interpretações das histórias e dos livros que ele estava lendo sobre ela”.

Patrícia Rehder Galvão, a Pagu, foi uma mulher de inúmeros matizes, libertária por excelência. De Joana D’Arc a Rosa de Luxemburgo, uma combinação dos mais puros e profundos sentimentos de liberdade que sintetizam sua alma guerreira. Pagu fez de sua vida um campo de batalha contra a intolerância, os desmandos e os grillhões impostos por senhores de uma sociedade retrógrada e, nos mais diversos aspectos, injusta.

Pagu, hoje, é a patronesse da Cadeira 30, da Academia de Letras de São João da Boa Vista.

Neusa Maria Soares de Menezes
Cadeira 30
Patrono: Euclides da Cunha







Por onde andei...

ESTAMOS, HÁ CERCA DE 500 DIAS, numa pandemia sem precedentes nos últimos 100 anos.

Nesse período, experimentei emoções e sentimentos os mais diversos e assisti a meus planejamentos serem dizimados, aliás, com ou sem pandemia, a vida não liga muito para nossos planos.

Meus planos incluíam uma temporada fora do país, mas as vicissitudes me levaram a ficar e fazer, novamente, uma viagem interna.

Fisicamente já conheci todos os continentes (com exceção da Antártica), já fui bem longe, mas o caminho mais longo que tento percorrer é a distância entre a minha cabeça e o meu coração, ou seja, conectar a racionalidade com as emoções. Certamente é uma longa trilha e diria, bem pouco percorrida.

Nessa trilha, a melhor representação que pude fazer para me compreender foi recordar e reconectar-me às minhas avós, as duas Marias. Maria José e Margarida Maria. Uma, vó da terra e outra, vó do mundo.

A vó da terra simboliza minhas raízes e origens. De onde eu venho, a minha existência e formação. A vó do mundo simboliza meu legado, o que fiz, criei e semeiei. O meu propósito, o porquê e por quem me movo.

Racionalidade e espiritualidade. Razão e emoção. Cérebro e coração.

Uma viagem interminável e imprevisível. Nem sempre fácil ou prazerosa, mas sempre gratificante.

Foi por onde andei... e tenho andado.

A foto foi tirada na Índia e representa um pouco do que escrevi. Um povo amável e muito espiritualizado.

João Otávio Bastos Junqueira
Cadeira 19
Patrono: Paulo Freire



Crítica Literária

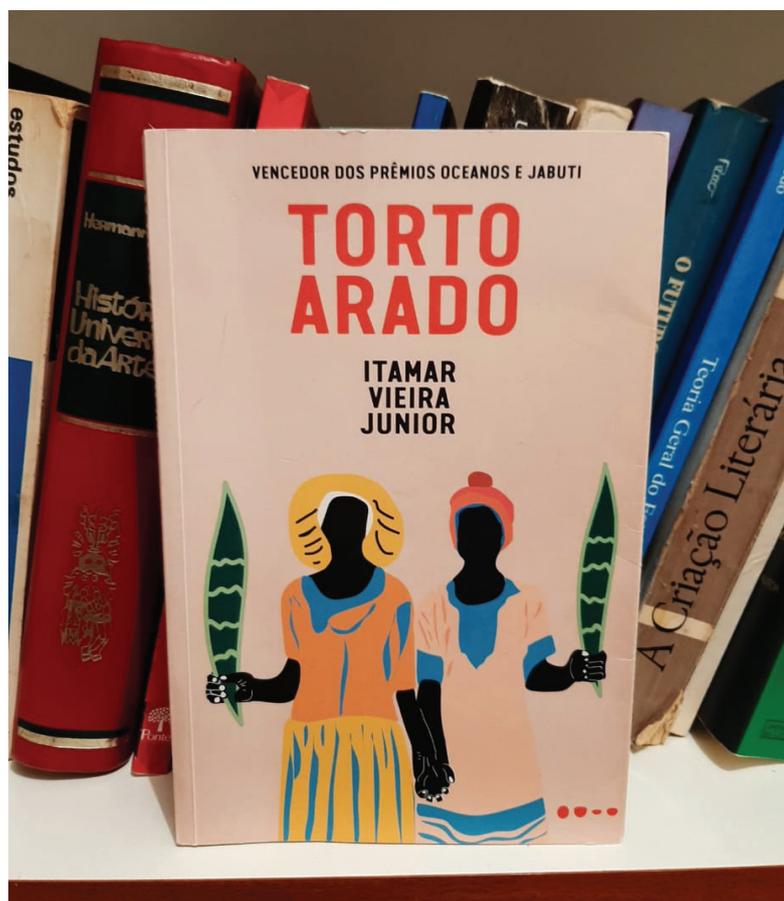
“TORTO ARADO”

Itamar Vieira Junior

QUANDO A DIRETORA Lucelena Maia me convidou para escrever a seção Crítica Literária, imediatamente, pensei no romance Torto Arado, de Itamar Vieira Junior. Conheci o autor numa entrevista no programa “Roda Viva” e interessei-me pelo livro. Poderia falar de obras já tão aclamadas e conhecidas de todos nós, mas por que não um escritor atual, jovem e que vem se destacando de forma brilhante na literatura brasileira?

Respondendo a esta pergunta, tomei minha decisão.

Itamar Vieira Junior nasceu em Salvador – BA em 1979. Formou-se em geografia e é doutor em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia. Iniciou seus trabalhos no Inkra, o que lhe deu inspiração para escrever suas obras, graças a sua experiência com as comunidades quilombolas, trabalhadores rurais e camponeses. Publicou os livros de contos Dias e A oração do carrasco (um dos finalistas do Prêmio Jabuti 2018) e o romance Torto Arado, que lhe rendeu os prêmios LeYa 2018, Jabuti 2020 e Oceanos 2020.



Torto Arado tem, como fundo de pano, o sertão brasileiro, mostrando a vida, as injustiças e as tradições de um povo descendente dos escravos, os quilombolas, que vive submisso ao poder hierárquico da burguesia latifundiária.

Numa trama de conflitos, romance, sofrimentos e muita fé, a história se desenrola, com idas e voltas ao passado, como um “flashback”, dando uma visão do que foi e do que ainda continua ocorrendo na vida de muitos negros – a escravidão e o preconceito. Assim, podemos classificá-lo como um livro atemporal.

O autor, numa linguagem coloquial mesclada de vocábulos regionalistas, cheia de emoção e significados, nos apresenta uma história dolorosa no cenário brasileiro, com personagens fortes que enfrentam as durezas do trabalho rural e as humilhações cometidas pelo dono das terras onde vivem. E, nessa atmosfera, a religião voltada às tradições afro-brasileira é o caminho da liberdade “espiritual”.

A história – inteligentemente narrada pelas personagens Bibiana e Belonísia, duas irmãs ligadas pelas intempéries da vida que levavam – representa, neste romance, o sentimento de luta, buscando, cada uma delas, por caminhos diferentes, mas com a mesma determinação, o respeito e a liberdade do seu povo.

Torto Arado é um livro denso e sensível, que nos faz refletir sobre a situação de muitas comunidades nesse Brasil afora, que sofrem, ainda hoje, a violação dos direitos humanos, relegadas ao descaso pelos nossos governantes e tendo que enfrentar as aflições de uma vida miserável e, principalmente, sendo exploradas e rebaixadas ao quase “nada”, por serem negras.



Itamar Vieira Junior, com esta obra, conseguiu, de forma simples, mas clara, levantar a névoa que cobre a história de um povo que vem lutando há anos para ter seu lugar na sociedade. Com maestria, o escritor soube revelar a dignidade de seus personagens, o encantamento dos encantados, o amor à terra onde o “arado” representa, numa simbiose, homem, vida e sobrevivência.

Um romance envolvente! Recomendo.

Nívea Poli Barbosa
Cadeira 35
Patrono: Casimiro de Abreu



São João à Vista

Lygia esteve aqui

ERA 26 DE JUNHO DE 1993. Fui encontrá-la na chácara do médico Roberto José Melaragno, amigos de longa data e seu médico particular. Haviam selado um acordo: quem morresse primeiro deveria cuidar da certeza da morte do outro. Lygia tinha esse medo e eu achei engraçado, afinal ninguém mais corria esse risco, e eles principalmente, pela celebridade de ambos. Coisa de romance, imaginei. A esposa do médico, sabendo ser eu jornalista, mostrou-me uma árvore frondosa. Pediu que um dia escrevesse sobre ela; tinha uma história e era rara. Tudo ali era exuberante: a enorme e rara árvore, a gentileza da esposa, o doutor Melaragno e Lygia Fagundes Telles; a “dama da literatura brasileira”, a escritora mais premiada, a única mulher brasileira indicada ao prêmio Nobel da literatura. Exuberantes.

Reencontramo-nos à noite na Academia de Letras, onde, a convite do Presidente José Edgar Simon Alonso, a escritora falaria sobre seu novo livro *Capitu*. Imaginei que ela, mulher, sensível, vivida, pesquisadora de Machado de Assis, autora,

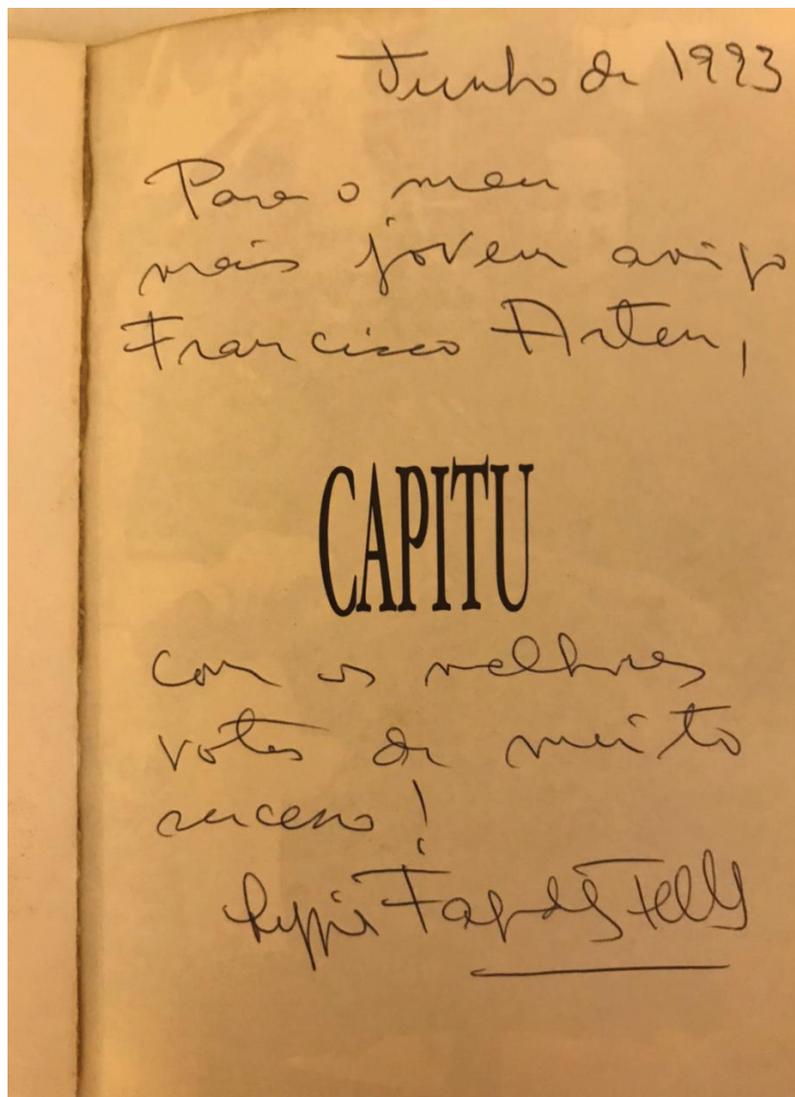


junto com Paulo Emílio Salles Gomes de um roteiro cinematográfico de *Dom Casmurro*, nos revelaria afinal se houvera ou não traição. Lygia deveria saber.

De modo que a primeira pergunta que fiz foi sobre a traição de *Capitu*: - Bentinho estava certo?

Então Lygia desviou os olhos grandes e rasgados para um ponto qualquer. “Olhar de cigana oblíqua, olhos de ressaca?” E disse: - “Na minha primeira leitura eu era uma mocinha romântica e Capitu, coitadinha, me pareceu uma vítima. O que eu podia saber das malícias de Dona Capitolina? Na releitura comecei a vê-la como uma manipuladora desde a meninice, amante de Escobar logicamente. Depois pensei que o comportamento sinuoso de Capitu poderia ser um simples reflexo dos seus pressentimentos, era uma sensível, perceptiva que intuiu a tempestade que já se armara porque conhecia o mecanismo do seu marido. Que me parecia então um neurótico enrustido, rancoroso”.

O mais intrigante mistério da literatura brasileira continua, portanto. Nem Lygia Fagundes Telles conseguiu decifrá-lo. Mas se nada revelou sobre o segredo de Dom Casmurro, o mesmo ela não o fez sobre São João da Boa Vista. Contou que aqui estivera várias vezes, ficando lá na chácara da Fiatece, anônima. Que tinha simpatia grande pela cidade e que a diferenciava do resto do mundo por uma sensação única que sentia aqui estando: “Tenho viajado o mundo todo e um sentimento me acompanha: a sensação de que o planeta está doente. Tudo sombrio e triste. São João da Boa Vista é o único lugar no mundo que me parece saudável”. Então, ao ouvi-la dizer que “eu posso me perder na morte, mas a palavra escrita fica”, concluí que, se Capitu traiu ou não,



jamais saberemos, mas que traição maior seria não registrar as passagens e impressões de Lygia Fagundes Telles por São João da Boa Vista.

Francisco de Assis Carvalho Arten
Presidente - Gestão 2011/2012
Cadeira 10
Patrono: Darcy Ribeiro



Arte e ousadia: A Semana Furlanetto

SÃO JOÃO DA BOA VISTA é uma cidade iluminada, não só pela luz que irradia, mas por ser o berço de inúmeros expoentes da arte nas suas mais diversas manifestações.

Logo que assumi o Departamento de Cultura e Turismo da Prefeitura Municipal de São João da Boa Vista, em 1997, recebi a visita do amigo arquiteto Antonio Carlos Lorette, que vinha me informar ser aquele, o ano do centenário do nascimento do grande escultor sanjoanense Fernando Furlanetto.

Era urgente e imprescindível que providenciássemos uma comemoração à altura do nome do ilustre artista. Assim, Lorette foi o curador de uma maravilhosa exposição das obras de Furlanetto, que aconteceu no ano de 1997, no foyer do Theatro Municipal, único espaço já restaurado do prédio, pois o seu interior estava semidestruído e abandonado.

Buscamos os moldes em gesso das esculturas que adornam o cemitério da nossa cidade, que haviam sido doadas pela família Furlanetto às escolas públicas de São João da Boa Vista e outras peças encantadoras que faziam parte do acervo da família e de amigos colecionadores.

Diante do sucesso retumbante da exposição, que superou a marca de oito mil visitantes, foi instituída com a aprovação unânime da Câmara Municipal, a Semana Fernando Furlanetto.

Criar uma semana de artes não é uma tarefa fácil, porém, com a inestimável colaboração de Helinho Fonseca, assessor do Departamento de Cultura, idealizamos uma semana de arte contemporânea.

Queríamos promover um diálogo entre os artistas locais e artistas nacionais e mais: decidimos que os eventos se realizariam no Theatro Municipal para que os olhares se voltassem àquele patrimônio decadente.

A 1ª Semana Furlanetto, em 1998, teve a curadoria da artista Samantha Moreira que, ousadamente, utilizou todo o espaço térreo e parte do primeiro pavimento superior do Theatro.

Samantha abriu o caminho para uma nova forma de se fazer e expor arte, que abandonava os suportes estéticos tradicionais e se caracterizava pela subjetividade e liberdade na produção artística. Uma das obras, “O Jardim”, instalação de Sylvia Furegatti, que ocupava o espaço central do Theatro, sofria intervenções diárias, pois quando se apagavam as luzes os ratinhos que lá viviam, atacavam a obra que usava flores de espuma na sua composição.

Outros artistas que participaram da 1ª Semana Furlanetto: Benê Trevisan, Fernando Bittencourt, Mauro Restiffe, Rogério Gomes, Samantha Moreira, Tunico Lemos e Vânia Mignone

O fotógrafo Alfredo Nagib Filho, o querido Fritz, foi o curador da 2ª Semana Furlanetto em 1999, cujo enfoque foi a arte fotográfica.

Fritz vasculhou o Theatro durante meses, usou os três pavimentos na exposição e escancarou para o público a necessidade de se restaurar aquele patrimônio. Conseguiu muitos patrocínios e trouxe muitos artistas: Alfredo Nagib Filho, Ana Maria Tavares, André Feliciano, Arnaldo Pappalardo, Cássio Vasconcelos, Clovis Vieira, Edgard de Souza, Egberto Nogueira, Gabriela Oliveira, João

Olívio Sibin Junior, José de Paiva Filho, Luix de Oliveira, Maria de Lurdes Germano, Mauro Restiffe, Melissa Klitzke, Michael Mathias Moreira, Miguel Rio Branco, Paula Trope, Rafael Assef, Regina Silveira, Rosângela Rennó, Ricardo Rodrigues Lopes, Ronaldo Marin, Rubens Mano, Thomaz Farkas e Vick Muniz.

A terceira e última edição da Semana Furlanetto, na minha gestão enquanto diretora de cultura, teve a curadoria da artista plástica e queridíssima Fafá Noronha. A exposição aconteceu na antiga estação ferroviária, que restaurada, a partir de abril de 2000, pôde abrigar o Departamento de Cultura e Turismo, a Academia de Letras de São João da Boa Vista, o espaço de exposição Fernando Arrigucci que recebeu parte das obras que compunham a Semana de Arte. Foi necessário usar também a plataforma da estação. Fafá trouxe artistas das mais variadas linguagens: da pintura ao vídeo, da fotografia à performance. Foram eles: Albano Afonso, André Feliciano, Patrícia Cividanes, Edson Elídio, Fritz, José de Paiva, Leda Catunda, Lucia Koch, Marcelo Peres, Marepe, Maria Germano, Marici Valim, Mario Ramiro, Mauro Restiffe, Pazé, Samantha Moreira, Sandra Cinto, Sergio Romagnolo, Wagner Morales, Rafael Campos e Wagner Tavares.

As Semanas Furlanetto seguiram acontecendo por alguns anos e deixaram marcas pro-



fundas e definitivas na cultura sanjoanense. Elas mostraram que uma obra de arte transmite uma ideia e um sentimento, mas que, além do ideal do belo, ela pode ter uma finalidade transgressora que expõe uma visão crítica nem sempre agradável da realidade. Foi um ato de coragem dos idealizadores, dos curadores e dos artistas participantes e que resultou numa mudança de paradigma do que, afinal, é a Arte.

As Semanas Furlanetto nos trouxeram um grande aprendizado e a certeza de que a Arte não é estática. Portas precisam ser abertas para que ela possa passar.

Vania Gonçalves Noronha
Cadeira 24
Patrono: Vinicius de Moraes



Ensaaios sobre a Cultura Sanjoanense

MATAS LUXURIANTES, cascatas espetaculares, fauna inacreditável para os nossos tempos, promessa de fartura e prosperidade, assim relatam os primeiros historiadores para a origem de São João da Boa Vista. Se é verdade ou não, pouco fé na primeira alternativa, pois bem sabemos o quanto fomos capazes para sua extinção gradual. Estamos na travessia para o século 19, numa área “proibida” do “Secretário”. O mito da natureza selvagem é apenas um pano de boca para a grande ópera que está por vir.

A produção humana estava concentrada no “desbravamento” das terras e nos conflitos de vizinhança. Plantavam e criavam subsistências, trocavam os excedentes e pouco se atentavam às relações culturais entre os clãs. As questões espirituais moviam os tempos. É na cultura religiosa, onde se esbaldavam as manifestações populares, os encontros e paqueras, e principiava a organização administrativa do pequeno povoado.

Uma autêntica cultura caipira, regida pelo cotidiano de uma população cabocla, um misto português, africano e indígena, bem à moda “Macunaíma”. O binômio “ler e escrever” era para poucos. Até então, não havia utilidade tais conhecimentos, muito menos às mulheres.

Entretanto, até meados do século 19, a freguesia de São João se transmutou da água para o vinho, devido principalmente ao empenho do padre português João José Vieira Ramalho. Interessado em sua projeção política no Segundo Impé-

rio, tratou de adquirir terras, a montar engenhos e pequenas fábricas, doar um grande patrimônio religioso, arranjar uma esquina para cada “homem bom” que dispusesse a assentar sua morada e representar seu voto nas eleições. Monsenhor Ramalho alcançou seu intento, ganhando uma vaga no Senado, porém faleceu meses antes de tomar posse, em 1853.

Na mesma época, alguns fazendeiros começaram a se preocupar com a formação intelectual de seus filhos e filhas, contratando professores particulares e improvisando classes mistas no porão de sua sede. Ali, as crianças completavam as primeiras letras, para depois serem enviadas aos colégios internos de Itu, Campinas e São Paulo.

Completando-se o ciclo de internato, as moças retornavam ao lar e cumpriam seus compromissos familiares, aguardando o casamento. Já os moços, partiam para as faculdades, como Direito na São Francisco, em São Paulo, e Medicina no Rio de Janeiro. As temporadas epidêmicas, como cólera morbo e febre amarela, chegavam a interromper esta trajetória estudantil, recolhendo todos sob as asas de seus pais.

Os jovens que chegavam a São João, durante as férias escolares, reclamavam da falta de opção cultural. Queriam mais do que as quermesses religiosas, convescotes e piqueniques nas cachoeiras. Os rapazes do Direito, tidos como “progressistas”, fundaram o Clube Republicano Sanjoanense e, em 1884, decidiram construir a primeira casa

de espetáculo da região, o Theatro Apolo, destinado às companhias artísticas que circulavam pela província.

É impressionante como São João se transformou na década de 1880. Passou de vila para cidade em 1885, conquistando o privilégio de ser cortada pelo Ramal Férreo de Caldas, inaugurado em 1886. A ferrovia trouxe velocidade e eficiência, tanto no escoamento da produção cafeeira, como também o progresso material, nas atividades comerciais e industriais.

A imigração europeia no município deu-se principalmente a partir da linha férrea, sendo os italianos em maior quantidade, seguidos pelos portugueses, espanhóis e alemães. Eles trouxeram novos hábitos e costumes, crescendo naturalmente as suas demandas. Os estrangeiros organizaram novos clubes, não só de apoio a seus conterrâneos, mas também à promoção cultural da cidade. Os eventos tornaram-se frequentes, durante todo o ano. A imprensa, que praticamente inexistia no Império, tornou-se mais ativa com a fundação dos jornais “A Cidade de São João” (1891) e “O Município” (1906).

As mulheres já não eram apenas bibelôs decorativos nesta sociedade, começando a participar efetivamente dos movimentos culturais. Representavam a mínima parte dos grupos e clubes, conciliando seus compromissos domésticos, cuidando da educação das crianças, das artes manuais e das atividades da Igreja.

Aqueles jovens estudantis, nascidos em São João, misturavam-se aos jovens imigrantes, promovendo ainda mais os meios culturais.



Colaboradores do jornal “O Município” e promotores da Cultura Sanjoanense. Foto Germano Eyber, c. 1906

Culminaram com a criação do Centro Recreativo Sanjoanense, em 1898, com belíssimo e custoso prédio construído no ano seguinte. Neste espaço, concentrou-se a elite sanjoanense, as principais recepções de intelectuais e políticos, os recitais de piano, os almoços e jantares festivos. Lá, também, ocorria o tão aguardado baile da “Partida”, encerrando as férias estudantis do meio do ano. Muito glamour e promessas de amor.

E os pobres e desvalidos? Os descendentes de escravos? Pouco ou nada se tem de registro... Talvez no século 20, que deixo para a próxima edição.

Não é fácil remexer as memórias sem transbordar as páginas.

Antonio Carlos Rodrigues Lorette
Presidente - Gestão 2017/2018
Cadeira 32
Patronesse: Orides Fontela



Academia

em Revista

Academia de Letras: cinquenta anos

REVISITAR A HISTÓRIA de nossa Academia tem sido uma prazerosa viagem desde que, há mais de um ano, passei a ler suas atas e documentos, bem como as biografias e obras de seus fundadores. Muito aprendi com o exemplo daqueles homens e mulheres determinados que lograram erigi-la. Muito me deleitei com a riqueza de seus textos, tanto pela profundidade das reflexões quanto pela beleza artística da construção.

Comemorando o Jubileu de Ouro, nunca é demais repetir que a ideia de fundar uma Academia de Letras na cidade nasceu de uma conversa informal entre Milton Segurado, professor da recém-fundada Faculdade de Direito local e membro da Academia Campinense de Letras, e Octávio Bastos, presidente daquela associação de ensino e então prefeito. Era o sombrio período de 1966-1968, e a cidade ganhava os seus primeiros cursos superiores, embrião dos atuais Centros Universitários UNIFEQB e UNIFAE. Era preciso, entendiam ambos, dotá-la de uma Academia de Letras. Poucos anos mais tarde, Octávio Bastos procurou dois intelectuais da cidade, Octávio Pereira Leite e Francisco Roberto de Almeida Júnior, que, a par de suas funções profissionais, exerciam atividades como jornalistas e escritores. O trio começou a se

organizar: escreveu o Estatuto e escolheu como presidente o Bispo Diocesano Dom Tomás Vaquero, homem culto, professor universitário e membro de outras Academias de Letras. O movimento foi crescendo até congregar dezenove intelectuais da cidade, que, reunidos no Palácio Episcopal, declararam fundada a “Academia de Letras de São João da Boa Vista”, aos 10 de setembro de 1971. Em dois meses, convidaram outros intelectuais, quase todos de cidades próximas, totalizando quarenta acadêmicos, trinta e oito dos quais tomaram posse em grandiosa sessão solene na Sociedade Esportiva Sanjoanenses, no dia 15 de novembro.

Voltando os olhos ao passado, pondero que, se esses primeiros passos puderam avançar ao longo de meio século, é por estarem eles apoiados na leitura e na escrita como instrumentos de democracia. Dizer que “somente são livres os povos que leem e escrevem” é muito mais do que uma frase de impacto proferida por Octávio Bastos no discurso de inauguração desta Casa; é uma profissão de fé a guiar os passos da instituição: nas palestras, nos concursos, nas publicações, nos eventos que ela promove.

Igualmente, se ela pôde sobreviver quando alguns a vaticinaram natimorta e tantas outras

sucumbiram, é porque foi construída por pessoas que, adiantando-se a seu tempo, vivenciaram o respeito às diferenças, seja abrigando quatro mulheres entre os fundadores, seis anos antes que a própria Academia Brasileira de Letras as admitisse, seja agregando dois pastores presbiterianos a um grupo que tinha entre seus membros um bispo e dois sacerdotes católicos, seja convidando para a confraria pessoas oriundas das mais diferentes regiões do país.

Ao longo destes cinquenta anos, as diversas diretorias souberam conduzir a instituição ao tom dos tempos: no primeiro vintênio, sob a batuta de seus fundadores, a Academia se consolidou, criando um público cativo em suas sessões no Salão Diocesano, bem como leitores assíduos de sua Página Literária nos jornais locais. Já na década de 90 ajustou o Estatuto às novas necessidades, firmou um calendário de eventos e criou o Concurso Literário, com vistas a revelar talentos em prosa e verso. Na primeira década deste século, entrou na era digital com seu site e conquistou seu primeiro espaço, com a cessão de uma sala na antiga Estação Ferroviária, para onde finalmente pôde levar sua biblioteca. Na sequência, os anos 2010 foram marcados por muitas inovações: o Sodalício criou a Revista ARCA, constituída por textos de acadêmicos; instituiu o Concurso Redação na Escola, voltado a promover a escrita entre crianças e jovens, com premiação; em parceria com a Unifae, trouxe para a cidade os restos mortais de sua poeta maior, Orides Fontela, hoje abrigados em Memorial daquela instituição; fez migrar para a web o tradicional Concurso Literário, dando-lhe dimensão internacional; editou livros e álbuns de figurinhas com teor cultural; entrou nas redes sociais; foi escolhida para receber a doação de importante biblioteca com obras acerca da Revolução de 1932; e, coroando o período, ganhou um digno espaço na recém-restaurada Estação das Artes, cedido pela Municipalidade. Nesta recém-iniciada década de



2020, premida pela pandemia, a instituição avançou na transmissão de eventos on-line por seu canal no *YouTube*, o que vem lhe permitindo não só oferecer cultura e arte nestes tristes tempos como também atingir expressivo público, muito além do que comporta sua sala de reuniões.

Cinquenta anos de trabalho tecendo a história da Academia de Letras de São João da Boa Vista! Só resta, pois, cumprimentar as dezenove diretorias e os cento e quarenta e cinco acadêmicos que a construíram, bem como agradecer à sociedade sanjoanense e aos parceiros o apoio e prestígio que nos têm oferecido.

Beatriz Castilho Pinto
Presidente
Cadeira 31
Patrono: Paulo Setúbal



Uma lembrança

CINQUENTA ANOS é muito tempo! Nesse período acumulei muitas lembranças, dentre elas escolhi uma para recordar com mais detalhes e carinho. Foi uma escolha bastante difícil. Recordo com saudade das primeiras reuniões da Academia de Letras de São João da Boa Vista. Os tempos mudaram e mudaram muito! Nada parecido com as nossas atuais reuniões pela internet.

As primeiras reuniões da nossa querida Academia eram muito solenes, geralmente realizadas no antigo Centro Recreativo Sanjoanense. A mesa que presidia a reunião era enorme, com muitas autoridades da cidade e também da região.

Só a composição da mesa levava mais de uma hora. A mesa enfeitada com flores era um espetáculo de capricho e beleza. Depois da mesa apresentada, o presidente declarava aberta a reunião, fazendo então, um pequeno discurso sobre a data e o motivo daquele encontro de acadêmicos e convidados. Começava uma disputa entre os que discursavam e os que iriam discursar, utilizando vocabulário difícil, com vozes empostadas como mandavam os costumes de cinquenta anos atrás.

A posse de um novo acadêmico era uma ocasião ímpar! Sua apresentação era motivo para discursar por mais de meia hora, chegando em alguns casos em uma hora. Lembro com saudade de dois acadêmicos que gostavam de falar difícil e que muito fizeram pela Academia: Octávio Pereira Leite e Licínio Vita da Silva (poderia citar muitos outros, que gostavam de fazer discursos nos moldes da época).

Preparar a apresentação de um assunto, ou a entrada de um novo acadêmico era tarefa de grande importância e despendia esforços imensos do responsável pela organização, que geralmente obrigava parte da plateia a consultar o dicionário para saber o que tinha sido falado.

Lembro especificamente da posse de uma nova acadêmica no Centro Recreativo. A reunião teve início com o Hino Nacional do Brasil apresentado pela Banda Dona Gabriela; em seguida, foi formada a mesa, enorme, indicando como era grande a importância do novo acadêmico. O presidente, depois de um pequeno discurso, passou a palavra ao patrono do novo acadêmico que discursou por mais de uma hora. Não obstante, o novo



Celina Bastos Varzim, Odila Godoy, Neide Corbelli, Clineida Junqueira Jacomini, Aparecidinha Mangeon Oliveira

acadêmico falou por mais ou menos o mesmo tanto, estando todos já cansados.

Além deste ritual, havia também apresentação artística que, naquele dia, seria realizada por um coral infantojuvenil. Grande parte dele já estava dormindo, na hora da apresentação, tanto pelo tempo dos discursos, como pelo adiantado da hora. Como consequência, a apresentação ficou um pouco desfalcada.

Após este fatídico dia, os discursos passaram a ter um tempo máximo, que muitas vezes não eram respeitados. Hoje nossas reuniões são mais rápidas e objetivas, principalmente as feitas pela internet, mas não deixam de ser importantes, alegres e instrutivas. Um novo padrão atendendo as exigências do momento vivido.

Os tempos mudam, nossa Academia continua viva e atuante, procurando principalmente os jovens, através dos programas como Redação na Escola, Concurso Literário anual, de Poesia e Prosa e muitas outras atividades.

Tenho saudades do passado, mas espero que os acadêmicos, daqui a cinquenta anos, possam lembrar deste momento que estamos vivendo agora!

Celina Maria Bastos Varzim
Cadeira 23
Patrono: João Guimarães Rosa





Grupo Geral dos acadêmicos diplomados



Luz Grafia

“... a Academia que surge, queremos que seja uma pequena semente que, plantada com carinho, cuidada com desvelo hoje, seja no futuro uma árvore frondosa, um verdadeiro carvalho, firme na terra, elevado às alturas, ao mesmo tempo que, espargindo sua sombra a seu redor, beneficie outras sementes, outros arbustos ou árvores que à sua sombra germinarem.”

Dom Luiz Gonzaga Bergonzini
(*in memoriam*)
Membro Fundador
Cadeira 12
Patrono: Dom Aquino Corrêa



Fragmento do texto “Página Literária”
- I Antologia da ALSJBV -

Arcadianas

[in: Todos Cantam Sua Terra]

Meu velho Jaguari, hoje encolhido
Num murmurante e breve fio d'água,
Como te vejo! com que triste mágoa,
Tão modesto, tão pobre, até esquecido.

Onde está o teu clamor, feliz, de outrora,
Agigantado no rumor feroz
Das chuvas de dezembro a março, o atroz
Bramir das ondas por teu leito afora?

Querem-te bem, no entanto (os conquistados)
Os verdes campos nossos, que banhaste,
Nas colheitas dos anos abastados...

Meu Jaguari, relembra a cidade:
Feliz do coração que tem guardados
Um rio, uma esperança, uma saudade.

Emílio Lansac Toha
(*in memoriam*)
Membro Fundador
Cadeira 09
Patrono: Raul de Leoni





A Comunicação Solitária



UM DOS MAIORES PARADOXOS do nosso tempo consiste em vivermos na era das comunicações e permanecermos tão incommunicáveis, tão isolados uns dos outros. Esta contradição servirá de marco significativo para o historiador do futuro, quando pesquisar esse período da História. É nosso isolamento em relação aos outros e à realidade do presente – que define melhor nossa problemática e nos lança numa roda de sofrimentos incalculáveis.

Platão dizia que “somos deuses e nos esquecemos disso”. Jesus também afirmou: “O Rei-

no dos Céus está em vós”. O homem do século XXI, orgulhoso de sua tecnologia, de seus conhecimentos especializados e de seu acervo de informações não vê nessas referências mais que vagos símbolos.

Seu esquecimento, de valores e potencialidades que possui, é antigo e há referências sobre isso em toda a tradição religiosa e nas mais diversas mitologias. Rabindranath Tagore afirmava que não há senão uma revolução a ser feita pelo ser humano: a redescoberta de valores esquecidos dentro do próprio indivíduo. Tudo o mais, para o

pensador indiano, dependeria dessa revolução e da extraordinária capacidade humana de aprender infinitamente.

Num de seus frequentes momentos de inspiração, Leonardo da Vinci escreveu: “A natureza dispõe as coisas de tal maneira que, onde quer que você esteja, encontrará sempre alguma coisa para aprender”. Mas homens como esse foram exceções. A grande massa humana que habita o planeta, nesses tempos de comunicação e de conhecimento, está absurdamente encasulada em seus pequenos mundos individuais e, principalmente, desconhece o que lhe diz respeito.

Nesse estado, vive a maioria dos homens. A explosão demográfica, registrada nos dois últimos séculos, agravou em muito o problema e tende a torná-lo insolúvel. Esse crescimento irresponsável exacerbou o problema de comunicação entre os homens. Havendo mais gente, mantemos um relacionamento interpessoal menos consistente, mais superficial, por falta de tempo, de disposição, por medo até. Nos grandes centros, todo contato humano tende a se tornar formal, frio, distante. No interior, ainda resta algum calor, verdadeiro interesse pelo próximo.

Tudo concorre, neste nosso mundo contemporâneo, para manter as pessoas naquele estado de desconhecimento pessoal, que não pode ser curado com a ajuda do ensino tradicional. Livros temos muitos, escolas conferências, televisão educativa. Podemos, mais do que nunca, ser bem informados, mas essa informação não supre a ausência de sabedoria vivencial, o desconhecimento de si próprio, a insensibilidade e relação aos ou-

tros, o desinteresse pela realidade e pelo seu significado. O fato simples é que a educação, que na maioria das vezes se propaga por aí, preocupa-se muito mais em ensinar “o que pensar”, do que “como pensar”. O ensino baseado no exclusivo fornecimento de dados vale relativamente pouco.

Não conseguimos quebrar nossa incomunicabilidade com o próximo, através da fala trivial. Se fosse assim, esta época não teria o contraste de ser orgulhosa de seus veículos comunicadores, mas incapaz de estabelecer a verdadeira comunicação entre os homens. A quantidade, como se sabe, não consegue alterar a qualidade. As mensagens estão aí, cruzando o ar em todas as direções, ouvidas mas não escutadas, superficiais, vazias. Quanto mais se ouve falar, menos se fixa naquilo que foi falado. Um povo saturado, em mais de um sentido, precisa encontrar-se urgentemente e o remédio pode estar na capacidade de ver e compreender.

A boa comunicação se estabelece, frequentemente, entre aqueles que sabem escutar, melhor que falar. Mas isso não é fácil para a maioria...

Ma. Aparecida Pimentel Mangeon Oliveira
(in memoriam)
Presidente - Gestões de 1996 a 2004
Cadeira 04
Patrono: José de Alencar



Onde estarão a Fraternidade e o Amor?

DEPOIS QUE A TARDE partiu, tudo mudou. O colorido do crepúsculo esmaeceu.

O poeta ficou relembrando passagens belas e queridas, guardadas no relicário de seu ser. De repente, ao longe, a voz plangente de um sino tanguido, comovente no ar.

Risadas e tagarelices se esfumaram no infinito, em ondas sonoras. Tudo não passou de um lampejo. O silêncio envolveu a natureza. É o momento solene em que até os pássaros (num toque de magia) se calaram e o vento não mais agitou as folhagens do arvoredo acolhedor e amigo.

A grandeza do presente é comovente e ao mesmo tempo assustadora.

A reflexão toma conta do homem.

A nostalgia contagiante baila ao redor, alimentando lembranças que se perderam no horizonte.

O poeta está só. Completamente só com seus pensamentos e abandonado em seu próprio mundinho de decepções, esperanças, fracassos e vitórias efêmeras. Sente-se combalido diante de cenários caóticos que castigam o globo.

A violência e o trucidamento tornaram-se insignificantes diante da vingança, do ódio, do poder e do vício.

A crueldade é corriqueira, abrangendo até a infância desamparada e encurralada em direção ao holocausto!

O homem interroga os porquês dos acontecimentos e suas soluções.

Por onde andarão a beleza da vida, o amor a Deus, o perfume das flores, o gorjeio dos pássaros e o cascatear de águas límpidas e plácidas?

Pieguice?

Onde se refugiaram os sentimentos racionais do homem? Onde os apertos de mão sinceros, acolhedores e amigos? Onde os sorrisos amistosos?

A humanidade está-se tornando uma fera cruel, sedenta de sangue e penúria em verdadeiras hecatombes.

Frente ao crepúsculo que tanto admirava e amava, o poeta torna-se apático, triste, cético. De sua alma explode um grito de misericórdia para o mundo. Um clamor de paz para o universo atolado na belicosidade.

Uma revolta sai do fundo de seu coração, levada pela tarde indiferente que se esvai, sem lhe responder às perguntas.

Perguntas estas que se perderam nas dobras do manto da noite, que assim mesmo continua pontilhada de maravilhosas estrelas.

Em que galáxia os terráqueos esconderam a fraternidade, a bondade, o amor, a tolerância e a felicidade?

Tudo se esvai. Só a noite é a rainha do planeta com seus mistérios fantasmagóricos, indiferença e ciladas.



Calada, fria, perigosa e enigmática, abarca as horas que escorrem numa lentidão impressionante e malévola.

Onde estarão a fraternidade e o amor?

Odila de Oliveira Godoy
(in memoriam)
Membro Fundador
Cadeira 15
Patrono: Casimiro de Abreu



DOM TOMÁS VAQUERO

1º Presidente da Academia de Letras
1º Titular da Cadeira 01
Patrono: José de Anchieta

Nascido na roça de Pirassununga ao despertar da Primeira Guerra,
O filho de Pedro Vaquero e Tereza Seis Dedos
Não poderia prever futuro qualquer
Sem, antes, vencer seus medos.

Desde cedo muito humilde, até meio sem jeito,
Foi crescendo na labuta de uma família sem abastança.
Por certo começava a gestar no seu íntimo
Algo maior para, a seu tempo, deixar de herança.

Aos quinze, já no seminário, a voz interna desabrochou
E foi cultivada com carinho e dedicação.
Sete anos depois, quem diria, foi enviado a Roma
Até 41, ordenado sacerdote na Basílica de Latrão.

Por quase vinte anos, em vez de pároco, foi professor
Lá na terra da garoa e em Campinas, quase aqui ao lado,
Para depois virar padre em Mogi Mirim
Como preparação ao episcopado.

Feito bispo em 63, veio em setembro para São João
Num tempo de reboição no Brasil, na Igreja e no mundo.
Mesmo se avizinando um golpe de estado foi chamado a Roma
A participar das sessões do Concílio Vaticano Segundo.

Quanta mudança houve desde então!
Seminários fechando, mas ele construindo o seu.
Tanto fez para a lavoura de Deus
Que a colheita de vocação, na Diocese, só cresceu.

Não se fazendo de rogado, foi além de onde palmilhava.
Com outros tantos fundou pelas letras, nossa Academia.
Fé e razão deveriam caminhar juntas,
Para fazê-las florescer em perfeita harmonia.



Porém o outono da vida a todos espreita,
Ainda que no transcurso se tenha feito sempre o bem.
E Tomás Vaquero, que teve em 92 seu derradeiro encontro sereno,
Deixou fincadas suas virtudes, como a todos convém.

E porque elas se firmaram para a existência nossa,
Busca-se agora aflorar toda verdade
Para confirmar se viveu para Deus heroicamente as virtudes
E pavimentar seu caminho para a santidade.

Então, por justiça, aqui se presta sincera homenagem
A Tomás Vaquero que viveu em grande simplicidade.
Só resta pedir-lhe, pois, aos que ficamos,
Interceda por nós na eternidade.

Autorizado pela Congregação das Causas dos Santos, órgão do Vaticano, Dom Antonio Emidio Vilar, Bispo da Diocese de São João da Boa Vista, no dia 22 de janeiro de 2021 abriu solenemente a causa de beatificação e canonização do Servo de Deus Tomás Vaquero, em cerimônia jurídica realizada na Igreja da Catedral.

Ronaldo Frigini
Cadeira 01
Patrono: Graciliano Ramos



Ouviram o quê?

Hino Nacional

AO CHEGAR A SEMANA DA PÁTRIA, alunos de diversas escolas procuram o Arquivo Municipal, em busca de textos que historicam a origem do Hino Nacional. Vejo esta atividade com alegria, pois conhecer e se interessar pelos nossos símbolos nacionais é fortalecer nossa nacionalidade!

A música do Hino Nacional foi composta por Francisco Manuel da Silva que, com seu talento criador, colocou na pauta as notas deste hino maravilhoso, que se constituiu em uma marcha vibrante, que nos enche de orgulho e de fervor patriótico, desde os primeiros acordes! Em todas as ocasiões internacionais, em que o nosso hino é tocado, arrebatam os ouvintes e há quem diga que ele está em pé de igualdade com o famoso hino francês: a “Marselhesa”.

Estudos mais recentes apontam que a sua composição surgiu no ano de 1822, quando aconteceu a Independência do Brasil. Denominado, inicialmente, de “Marcha Triunfal”, passou logo a se chamar Hino Nacional e a ser executado pelas bandas militares, nas ocasiões comemorativas de nossa História. Foi cantado pela primeira vez, com versos adaptados de Ovídio Saraiva de Carvalho, no dia 13 de abril de 1831, seis dias após a abdicação de Dom Pedro I quando o navio, que levava a Família Real, deixava o porto do Rio de Janeiro, com destino a Portugal. Como não havia uma letra especial para o hino, o povo começou a fazer adaptações e a cantá-lo com diferentes versões.

Proclamada a República em 1889, instituiu-se um concurso para a escolha de um novo hino, que coadunasse com o novo regime político e que, oficializado, substituísse o de Francisco Manuel da Silva. Venceu o de Leopoldo Miguez, com letra de Medeiros de Albuquerque. O povo não aceitou o novo hino e o governo republicano manteve o de Francisco Manuel, alegando que o antigo hino estava mais ligado a fatos da história pátria. Oficializou-se o então Hino Nacional Brasileiro a 20 de janeiro de 1890, pelo Decreto 171, que se referia somente à composição musical, pois as letras eram numerosas e referentes à Monarquia.

A comissão responsável pela escolha da letra definitiva, dentre muitas concorrentes, escolheu a de Osório Duque Estrada. Seu poema foi escolhido por ser o que mais correspondia ao ritmo da música e que continha ideias mais condizentes com o espírito republicano positivista. O hino vencedor do concurso e que não foi aceito pelo povo é o atual Hino da Proclamação da República, que é, também, belíssimo! Embora cantada por muitos anos, essa letra somente foi oficializada na véspera do Centenário da Independência, em 1922, pelo Decreto no. 15.671. A letra do Hino Nacional é difícil de ser entendida.

Para tal, há a necessidade de se colocá-la em ordem direta. Isto é o que as escolas deveriam fazer. Como exemplo, coloco as primeiras estrofes: “Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de



um povo heroico o brado retumbante”. Muitos colocam a crase em “às margens”! Vejam a ordem direta: “As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico. Agora se entende melhor! E sumiu a crase, que seria um lapso de nossa gramática, se insistirmos na letra original.

O poema contém vocabulário erudito e há a necessidade de serem pesquisados os termos: plácidas, fúlgidos, lábaro, florão, garrida, impávido colosso, clava forte, penhor, brado retumbante etc. Camões, no verso 24 de Os Lusíadas, também fazia estas inversões de palavras: “enquanto o mar cortava a armada”. A armada é que cortava o mar!

Já pensaram em alterar a letra de nosso Hino Nacional, porém ponderaram que o resultado seria negativo, pois ele, como está, já é símbolo nacional, portanto parte de nossa história. A alteração levaria o nosso povo a uma confusão maior!

Fica uma dúvida: se é o amor eterno ou o sonho intenso a meta prioritária de nosso patriotismo! Vale a pena nas escolas, e de um modo pedagógico, ensinar o sentido de nosso Hino Nacional! Se perdermos a faixa etária da clientela, será lamentável e, talvez, irreparável!

João Baptista Scannapieco
Cadeira 17
Patrono: Francisco Dias Paschoal



60 ANOS

QUANDO ERA MAIS JOVENZINHA, lembro de ter ouvido minha mãe dizer que tinha 32 anos. Fiquei apavorada! Na minha inocência, pois já fomos todos inocentes um dia, isso era ser muito velha, e velhos morriam. Lembro-me de ter perdido o sono com a constatação de que em pouco tempo, minha mãe iria morrer.

Os anos se passaram, graças a Deus meus pais estão ao meu lado, ele com seus 87 anos e ela com 82, completados dia 30 de junho.

Não consigo mais ver meus pais como pessoas velhas. Eles têm muita idade, mas participam de tudo, são alegres, cheios de ideias e de vida.

Meu pai agora está escrevendo suas memórias, atendendo a um pedido meu. Bom leitor que sempre foi, está adorando a experiência de ele agora ser o escritor. A toda hora me chama, pede que eu leia, quer que eu dê palpites. Prefiro não fazer isso. Disse a ele que é para ficar tranquilo e colocar no papel tudo o que achar que deve. Depois de tudo pronto, conversaremos sobre o que escreveu. Na verdade, sua maior intenção é a de prestar homenagem à sua mãe, minha avó Genoveva, que ficou viúva muito cedo e passou horrores numa época em que as mulheres eram muito mais maltratadas. Vamos ver o que virá daí...

Minha mãe, muito participativa, adora TV, seu celular, seus bordados e livros, anota muitas coisas em cadernos secretos e é muito festeira. Ficou extremamente chateada, pois essa pandemia, a deixou longe das reuniões de sextas-feiras, onde ela sempre reunia alguns de seus rebentos, netos e bisnetos para o que ela chama de “happy”. Adora tomar seu vinho branco ou então seu uisquezinho com água de coco. Levamos nessas noites alguns “beliscos”, muitas risadas e lembranças dos fatos acontecidos na família. Tudo nessa família enorme que eles criaram vira festa!

No ano de 2020, completei meus 60 anos. Justo eu que imaginei que estaria muito velha aos 40 anos, hoje quando me olho, gosto do que vejo (só não gosto da dor nos joelhos, coisa de família, e dos quilinhos a mais, rsrs). Estou com minha criatividade a mil. Faço inúmeros projetos em todas as artes que posso. Faço crochê, (pasmem), e ainda costuro algumas coisinhas. Leio muito, adoro conversar com meus amigos, sair por aí pra fotografar. Amo cantar quando posso e nem preciso de palco, escrevo muito. Gosto de ficar um tempo no celular, mesmo que apenas jogando algumas coisinhas... Sempre que posso, me escondo um pouco em mim, mas jamais deixo de socorrer amigos e parentes, que graças a Deus são inúmeros.



Se me perguntassem se eu gostaria de voltar no tempo, eu responderia com toda certeza de que gostaria sim, mas de voltar aos meus 40 anos. Por quê? Ora, porque sim!

Em tempo: velha é a mãe! No meu caso, nem ela.

Silvia Ferrante
Cadeira 9
Patrono: Raul de Leoni



As joias!

Para meu confrade e mestre João Batista Scanapiecco - ele sabe por quê!

ERA A DÉCADA DE 40. Interditaram o velho senhor! Seu escritório, bens, terras, dinheiro... Tudo ficou nas mãos zelosas, ainda que ávidas, de seus parentes próximos. Nem precisavam declará-lo incapaz! O destino lhe fizera isso: podara seus movimentos, a alegria, a fala, a locomoção; a vida, enfim!

Não era assim tão velho; sessenta anos, mas antigamente todos os homens (e as mulheres também!) aparentavam mais idade do que tinham; pareciam bem mais velhos com seu ar austero, barba, bigodes em riste, traje completo e escuro, sérios em demasia. E, as mulheres portavam, desde mocinhas, os cabelos presos em coque, vestidos compridos, escuros, de mangas longas e golas altas... aos 40 parecendo estar na casa dos 70!

Ele fora rico, bonito e feliz; afamado, de boa família, importante na cidade. Essa sempre primou por ter uma classe esnobe, aristocrática, porquanto das lides rurais, na época áurea do café. As 'boas' famílias tinham seus filhos estudados, médicos, advogados, engenheiros.

Casas enormes e fidalgais nas fazendas e outras, opulentas, na cidade. Essas, usadas para a frequência às festas de São João e do Divino; para a presença em enterros, batizados e casamentos; para os bailes chamados 'partidas', pois coincidiam com as férias e a volta às aulas dos mancebos ricos. O Centro Recreativo, clube local, com sua arquitetura clássica, ficava todo iluminado e festivo. E era mesmo uma festa regalada: os rapazes

em seus trajes escuros; as moças, com vestidos em lindos tecidos vindos da França e confeccionados na capital pelas famosas modistas da Paulista. As joias não ficavam atrás! Tudo era digno da fina classe interiorana, não menos chique e ostensiva que a das capitais.

Seu nome era Milton, tal qual o famoso homônimo inglês. Fora casado com uma jovem meiga, também de boa família, linda, com seus cachos loiros e porte divino. Parecia uma deusa... uma sereia... parecia sua, sua amada! Até seu nome combinava com sua estirpe e figura heráldica: Divina.

Não tiveram filhos. Viveram duas décadas de uma felicidade que parecia eterna, mas não foi! Uma 'doença ruim' na 'mãe do corpo' lhe definhou as forças; tirou-lhe a beleza e ceifou-lhe a vida. Que tristeza! Como Deus podia



ter feito isso com ele! Que mal tinha feito, se só fazia caridade e pensava no próximo?

Ficou triste, acabrunhado, sem vida, em vida. Entrava no quarto que fora o ninho de amor dos dois; abria o enorme guarda-roupa com aqueles vestidos maravilhosos, de seda, veludo e armi-
nho; os sapatos colocados em ordem e o perfume que era só dela! Francês em São João, Brasil.

Ao lado, sua caixa dourada, seu porta-joias que realmente portava uma infinidade de anéis, braceletes, tiaras, brincos, colares... como sentia sua falta! De seu corpo mirrado pela infeliz sina, só restava o olhar; tristonho, mas ainda vivo!

Até que um dia seu corpo alquebrado não aguentou. Somos todos reféns de nosso emocional... e o dele estava um caos, abaixo da linha sustentável. Sentiu-se mal; ficou tonto; caiu. O médico da família foi chamado. Quando Milton voltou a si, não sentiu mais seu lado esquerdo. Tentou falar, se levantar... não conseguiu. Tinha tido um derrame grave ou AVC, como queiram chamá-lo.

Desse dia em diante não falou mais; nem saiu de sua cadeira de rodas. É certo que era muito bem tratado por sua família, abonada, não fosse ele homem de muitas posses.

Tinha dois enfermeiros e outro, um fiel escudeiro que viera de sua fazenda Esperança (só no nome!), dormindo ao seu lado, no seu quarto de tantas lembranças. Tudo adaptado às necessidades do pobre-rico enfermo, 'morto' em vida de saudades, perdas dolorosas e tristeza. Muita tristeza!

E o tempo inexorável e implacável foi passando: horas, dias, semanas, meses... Ele na mesma. Nada mudara. Juntos, na casa imensa na esquina da praça central de São João, com seus crepúsculos maravilhosos, tinham vindo morar: sua cunhada, o marido, dois sobrinhos e a criadagem.

Na noite de Natal, bem arrumado, viu entrando sua família e mais convidados para a ceia. Mesa posta, enfeites finos, comida cheirosa, taças nas mãos finas, todos muito bem vestidos. Eis que entra a cunhada, mais bela do que de costume.

Um sussurro, gemidos, esforço para falar... todos olharam para o velho em sua cadeira de rodas e olhar tristonho. Imóvel. Mas, ele tentava alguma coisa. Conseguiu levantar a mão direita e com seu dedo indicador apontando, trêmulo, para o colo, a cabeça, os braços e dedos de Dalila, a cunhada, balbuciou num esforço sobre-humano:

- Aaass jjoiaaass da Diivinaaaa!

E deixando pender sua cabeça para o lado do coração, que tinha teimado em continuar batendo apesar de tanta falta, tanta dor e tristeza, faleceu!



Clineida Junqueira Jacomini
Cadeira 43
Patrono: Rubem Braga

Sodoma e Gomorra

Histórias do Nicolino

ERAM 17 DE SETEMBRO DE 2020.

Sabino estava sentado na sarjeta em frente da banca de jornal, onde trabalhava havia quinze anos. Trazia em uma das mãos uma Bíblia, noutra, um jornal. Lia-os alternadamente.

Nesse momento, aproxima-se dele uma pessoa estranha, aspecto aquilino, nariz fino e longo, cabelos compridos e brancos, orelhas grudadas na face, queixo caído, altura de dois metros. Trajava uma roupa branca com sapatos de igual cor. Senta-se ao lado de Sabino e se apresenta:

– Meu nome é Serafim. Gostaria de dialogar com o senhor.

Sabino lhe diz que está lendo a Bíblia e o jornal. Põe-se a falar:

– Acabo de ler a destruição de Sodoma e Gomorra! Lamentavelmente, vejo grande semelhança entre o Brasil e as citadas regiões. Começamos com o governo deste país. Nosso governo emprega 13,4% do PIB com os gastos públicos. Se diminuísse o número de vereadores, de deputados estaduais e federais, de senadores e ministros pela metade, e pela metade seus fabulosos salários e seus inexplicáveis penduricalhos, poderia investir com mais seriedade na educação, na segurança e na saúde pública do Brasil.

– Sabino complementa:

– A educação do Brasil é considerada uma das piores do mundo. Além disso, assistimos a episódios vergonhosos, tais como alunos agredindo professores, e vice-versa, professores agredindo alunos. Além disso, lamentamos o salário ridículo que nossos mestres recebem. São eles os formadores da nação. O dinheiro público deve ser usado com responsabilidade na educação, na saúde e na segurança!

– Alusivamente à segurança, continua ele, apesar de julgar ser nossa polícia honrada, lutadora pela vida dos cidadãos, considero seus salários injustos. Relativamente à criminalidade contra as mulheres no Brasil, cumpre-me informar que nosso país fica atrás apenas de El Salvador, Colômbia, Guatemala e Rússia. A lei Maria da Penha pouco resolveu, pois muitas mulheres são assassinadas com o B.O. dentro da bolsa. Li também que, amparado pelo artigo 316 do Código de Processo Penal, Sua Excelência o ministro do STF, Marco Aurélio de Mello, concedeu habeas corpus a André do Rap, um dos maiores narcotraficantes do país. Tal ocorrência justifica urgente alteração do referido código.

– Sabino finaliza sua fala:

– Na sequência, sem comentários, registro casos hediondos que ocorrem no Brasil: o trânsito no país perigoso em virtude de motorista bêbado, drogado, sem habilitação e em velocidade alta; empresários suspeitos de participarem de corrupção; lavagem de dinheiro até com empresários e traficantes; bala perdida que mata muitas crianças; milicianos; muitos furtos, roubos e latrocínios; improbidade administrativa; preconceitos raciais, sociais e financeiros; quadrilha de golpes eletrônicos; sequestros; estupro de crianças, adolescentes e muitas mulheres; tribunal do crime; cemitério do crime; gastos com



respiradores, máscaras e hospitais de campanha; obras inacabadas; obras superfaturadas; piratas do asfalto; saidinha de banco; assalto a bancos, a lojas e a caminhoneiros; adultério e prostituição; rachadinhas; funcionários fantasmas; nepotismo. Não há entender por que servidores públicos com elevados cargos e bons salários pratiquem corrupção!



Serafim, sempre muito atento, pede a palavra:

– Preclaro senhor Sabino, posto que concorde com algumas posições do senhor, cumpre-me informá-lo de que a realidade diverge em muitos aspectos do que foi apresentado. Inicialmente, importante dizer que o Brasil jamais será destruído como foram Sodoma e Gomorra, pois o brasileiro é um ente eleito por Deus. Existem no Brasil muito mais pessoas boas e honestas do que as perdidas. Outrossim, os vários pontos negativos do brasileiro podem ser superados. Com melhor distribuição de rendas, não haverá preconceitos sociais e raciais, pois Deus não considera cor, mas caráter.

Empolgado, acrescenta:

– A maioria dos políticos brasileiros é constituída de pessoas de bem. Cumpre aos eleitores escolherem melhor os candidatos a cargos públicos. O poder judiciário também é formado por membros competentes e honestos. Será mister fazer apenas algumas alterações no Código Penal. Hodiernamente, pessoas deve haver que pratiquem adultério e/ou prostituição. É pecado! Deus não gosta!

– Todos os aspectos negativos do brasileiro, completa ele, serão extirpados com o exercí-

cio de um vocábulo mágico: educação. Educação familiar; educação escolar; educação religiosa. A pessoa que receber os benefícios das três fontes de educação supracitadas jamais cometerá atos ilícitos ou pecaminosos, além de ser abençoada pelo Criador, com garantia da vida eterna no Paraíso!

Senhor Sabino, veja este pensamento: Meu ser ora me leva / A uma conclusão patente / A mulher não era a Eva! A mulher era a serpente! Serafim conclui:

– Com este pensamento quero enaltecer a mulher. Ela tem condições elevadas de exercer muitas profissões, como professora, dentista, médica, advogada, juíza, promotora, empresária e outras mais. Basta-lhe se valer dos benefícios proporcionados pela educação. Quando Deus criou Adão, vendo-o solitário, de sua costela criou Eva. A mulher é a semente mais preciosa que o Criador lançou no Universo. Aqui vai um conselho à jovem: se você deparar um namorado drogado, alcoólatra ou violento, dê o fora! Preferível viver só a mal acompanhada! A mulher é a mais bela flor plantada no Jardim do Éden! Devemos regá-la com muito carinho, ternura e amor. O homem, toda manhã, deve dirigir-se à companheira desta forma: Douce femme! Je t'aime! Je te garde dans mon coeur!

Nesse momento, uma pessoa se aproxima da banca e pede uma revista. O senhor Sabino vai atendê-la. Quando volta, não vê o senhor Serafim. Padre Humberto se aproxima dali. O senhor Sabino lhe pergunta:

– Padre, o senhor não viu um homem com tais e tais características aqui?

– Não vi ninguém, responde o padre.

Vira apenas uma enorme ave branca voando para o céu. O senhor Sabino desmaia.

Vedionil do Império
Cadeira 41
Patrono: Lima Barreto



Hortência, irmã mais velha

HORTÊNCIA, IRMÃ MAIS VELHA... Flor que nasceu primeiro, numa família de flores: Rosa, Margarida, Violeta e Dália, suas irmãs; Jacinto, seu único irmão. Família de flores, família de espinhos...

Ela viu todos os irmãos nascerem e crescerem, e sabe contar todas as doenças de infância, todas as suas peraltices, todos os seus aprendizados; sabe falar de todos e de cada um com minúcias, com carinhosas minúcias, como se fosse a mãe de todos.

Hortência, irmã mais velha. A que, desde muito menina, assumiu a direção dos trabalhos de casa, ajudando a mãe doentia. A que, desde muito cedo, se fez a cozinheira, a lavadeira, a babá, a costureira, a que remendava as roupas; a que instruía as irmãs, quando ficavam mocinhas. A que ia procurar o irmão, quando o moleque sumia, em traquinagens...

Era ela que organizava os horários de remédio da mãe, sempre adoentada, e que faleceu no parto de Jacinto. Quem dava força ao pai pusilânime, sempre a reclamar da má sorte e dos maus negócios...

Hortência, irmã mais velha. A que mais sofreu, a que mais buscou o equilíbrio no desespero geral, na morte inesperada do pai: o suicídio brutal, que só ela compreendeu e soube explicar...

Foi ela quem viu, uma a uma, as irmãs se casarem, a que preparou cada enxoval, a que organizou cada festinha. A que mais chorou cada vez que uma delas subiu ao altar, branca e feliz.

Ela perdeu Oswaldo, aquele moço simples e bom, que desejou desposá-la. Mas, e os irmãos, como ficariam sem ela?

Hortência, irmã mais velha, a que renunciou viver sua própria vida, a que se anulou, nunca pedindo nada para si, a não ser a condição de ser aquela que veio para cuidar de todos, e de ser, unicamente, Hortência, a irmã mais velha...

Antônio “Nino” Barbin
Cadeira 27
Patrono: Érico Veríssimo





O NADA E O VAZIO

*Em memória de
Francisco Xavier de Campos, meu pai,
que tanto questionava estes temas*

Nada,
a não existência.
A total e pura inexistência!

Vazio,
a ausência do existente.
Vacuidade e nilismo!

Na vacuidade há a memória,
talvez a saudade.
Há uma ausência
Prenhe de significados.

Na vacuidade há o devir.
A esperança,
A utopia
do 'vir a ser'.

Nada...
Nilismo...
Ausência da existência.
Não existir...
Não ser!
Não vir a ser.

Nada!
O perfeito,
o profundo
e absoluto nada!
sem memória,
sem saudade,
sem história.
Sem futuro.

Assombro total!
Perfeição?
Terror?
Aniquilamento?

Maria Célia de Campos Marcondes
Presidente - Gestões 1994/1995 - 2008/2010
Cadeira 11
Patrono: Machado de Assis





SONETO AOS ANDARILHOS

é certo medo no segredo enfastiado
é tanta folha caída em chão de pedra
é desespero em olhar a vil tormenta
é lancinante o aceno em magra mão

vai criança no caminho empoeirado
vai o pai, a mãe no olhar que medra
esperança no trocado e afugenta
a tortura da fome em ventre são

ao nada que no nada nada vira
a lágrima que seca na face envolta
pelo vento que de frio a pele corta

ao tudo que de tudo o nada tira
ao tombar no caminho sem revolta
os passos restarão na estrada morta

Luiz Fernando Dezena da Silva
Cadeira 42
Patrono: Pedro Nava



Incongruências e felicidade

O CONCEITO é de bem-estar e realização existencial. A definição é indescritível em relação às características de forma, intensidade, duração e sensação. O tema é sempre atual e recorrente nas mídias sociais. Diariamente, somos surpreendidos por uma infinidade de mensagens abordando o assunto.

Para uns é inatingível, para outros imperceptível, mas, para a maioria dos humanos essa “tal” felicidade é uma meta sempre almejada e insistentemente perseguida. Alguns afirmam encontrá-la na oração e meditação, outros na música e na dança, outros nos braços da pessoa amada ou ainda na concretização de um sonho acalentado.

O fato é que o estudo do segredo da felicidade tem ocupado alguns dos melhores cérebros da humanidade há séculos. Desde filósofos clássicos, passando pela literatura de autoajuda, até as mensagens da internet, existem fórmulas e receitas para todos os gostos, embora nenhuma delas seja comprovadamente eficaz, indistintamente. Existem fatores e peculiaridades individuais determinantes no processo.

Teorias antigas nutriam a esperança de que os avanços da ciência, da tecnologia e da razão promoveriam não só as condições objetivas de vida, mas supririam também os anseios de felicidade, bem-estar e realização existencial dos homens. Ledo engano.

Pesquisas realizadas na virada do século 21, entre mulheres, só comprovaram a primeira parte da assertiva; a segunda, tocante à felicidade, no entanto, não se confirmou. A maior parte das entrevistadas não se consideravam mais felizes que as antecessoras.

Estudos acadêmicos se sucederam no aprofundamento da questão, procurando correlacionar o nível de felicidade com fatores externos de condições de vida como: renda, crescimento econômico, indicadores sociais, constituição genética e até uma pesquisa envolvendo os ganhadores de grandes prêmios. Os resultados, muitas vezes, se revelaram incongruentes e contrariaram teses e convicções fortemente enraizadas no imaginário da população. A riqueza, por si só, não foi fator determinante da felicidade.

Isso porque existe um poderoso componente interno dos indivíduos determinado pelas condições psicológicas e de espiritualidade dos envolvidos. Como bem disse o Dalai Lama: “A felicidade é um estado de espírito. Se a nossa mente estiver num estado de confusão e agitação, os bens materiais não vão nos proporcionar felicidade. Felicidade significa Paz de Espírito.”

Existe uma relação direta entre essas duas dimensões. A felicidade só acontece na confluência harmoniosa de ambas.



Por tudo isso, podemos concluir na nossa curiosa percepção amadora que ela é condicionada por inúmeras variáveis internas e externas, portanto complexa, momentânea e frágil; porque está baseada em nossas instabilidades constantes como: saúde, relacionamentos, recursos, carreira, família etc.

O sábio provérbio caboclo “É preciso ter sentido o quanto dói uma saudade, para bem avaliar o que é felicidade” sintetiza com profundidade esse sentimento.

Enquanto aguardamos novos conhecimentos científicos sobre esse mistério, vamos enfrentando as turbulências e contingências da vida, procurando alcançá-la de forma merecida durante a nossa existência terrena. Caso o resultado não seja pleno e satisfatório, ainda assim, para os que professam a fé religiosa, resta a confiança de incluir a eternidade em nossa esperança de felicidade.

Raul de Oliveira Andrade Filho
Cadeira 44
Patronesse: Cecília Meireles



ORIDES

Árido é o verbo,
hermética construção.

Assusto!

Insondável significado,
simbolismo distante.

Insisto!

A captura do concreto,
o retrato do lúdico.

Absorvo!

Metáforas penetrantes,
passeio (anti)lítico.

Flerto!

Há flores,
cores.

Sucumbo!



Lauro Augusto Bittencourt Borges
Cadeira 20
Patrono: Castro Alves





Travessia

APESAR DE OFUSCADA pela pandemia, a crise migratória global tem sido abordada por historiadores, filósofos, escritores, juristas que analisando a questão sobre diferentes perspectivas, trazem de volta à pauta de discussão o problema do refugiado.

Preocupados com as lições que devermos levar desta pandemia e o aprendizado que podemos tirar de um dos eventos mais marcantes da nossa história, as migrações também necessitam ser colocadas para análise para que possamos construir um mundo melhor.

O que é um refugiado? Não é quem simplesmente emigrou de sua terra em busca de uma vida melhor, mas quem expulsado ou ameaçado não teve opção. Ao sair deixa tudo para trás e raramente os destinos procurados estão dispostos a receber de braços abertos quem chega.

A história dos sem pátria vem desde o fim do século XV até o drama atual dos refugiados

sírios e africanos. As principais causas para o êxodo involuntário de milhões de pessoas são os grandes eventos políticos e militares marcados pela história da humanidade.

As sociedades, para enfrentar o problema, necessitam repensar seriamente determinados conceitos a começar pela ideia de que algumas pessoas têm mais direito do que outras a viver em determinados lugares, apenas porque elas ou seus antepassados nasceram ali.

O problema dos refugiados está longe de ser simples. Conhecê-lo sob perspectivas histórica, filosófica e jurídica talvez nos ajude a sentir um pouco mais de empatia por esses seres humanos que estão sem lar.

Temos que encurtar a distância que separa a impossibilidade da oportunidade e construir um mundo mais solidário, fraterno e igualitário.

Maria Ignez dos Santos D'Ávila Ribeiro
Cadeira 07
Patrono: Coelho Neto





FAZ ALGUM TEMPO visitei Uru.

Repousar olhos no berço em que nasci ajudou-me a entender que “nós somos feitos da matéria de que são feitos os sonhos”, uma frase de Shakespeare, em *A Tempestade*, perfeitamente adaptada às minhas quase sem vestígios descobertas.

Pertencer à cidade depois de os pés terem caminhado longe era desejo particular e, embora existisse enorme distanciamento pela falta de cumplicidade, estavam resguardadas as referências recebidas de meus pais. Eu percorria as ruas,

permanecidas páginas escritas de uma história iniciada nas primeiras décadas do século XX, certa de que transitar por elas possibilitaria extrair de suas reminiscências precedentes famílias, das quais meus antepassados fizeram parte. Ouvi dizê-los emigrantes corajosos, dispostos a cruzarem o Atlântico em fuga à inclemente miséria vivida em seu país, num tempo de fluxo migratório internacional volumoso entre Brasil e Europa.

Caminhar atenta ao formato das calçadas, das casas, dos telhados, das portas e janelas fazia-me imaginá-los vivendo neste pequeno torrão.

Atravessei a rua principal e adentrei arborizada praça, repleta de bancos em concreto e um coreto ao centro. Tudo ali me chamava a atenção. Consegui reavivar o *footing*, elaborando a praça lotada de jovens a desfilarem olhares calorosos, em paqueras (in)discretas, sob sedução contida e conquistas fugazes ou eternas. Hipnotizava-me a igreja onde eu havia sido batizada e meus pais se casado: via-a imponente templo (medalhário de confissões, orações e súplicas de fiéis) induzindo-me a fantasiar acontecimentos passados. Mas, verdadeiramente importava descobri-los de fato. Tentei abrir a casa de Deus: estava fechada. Voltaria em outro momento, prometi-me, decidida a continuar peregrinando pelas ruas. Aproximei-me do cemitério. Aos olhos de quem me notasse, poderia parecer mórbido e nada casual o ato de uma desconhecida examinar lápides; no entanto, o encontro tardio com meus familiares fazia-me bem. Eu lhes devia essa visita.

Fora do campo santo, lá do alto da cidade, até onde meus olhos conseguiam enxergar, distraí-me a apreciar sítios e fazendas ricos em histórias e há anos trocados de mãos. Sentir a cidade onde nasci e vivi por cinco meses ajudou-me a descobrir um baú de vidas trancado ao silêncio, atraindo-me abri-lo e a dar a essas biografias expressividade. Convicta, segui em frente e materializei em destemido texto as segredadas páginas do passado, enfatizando os emigrantes chegados ao Brasil para plantar e colher vida próspera. É possível que eles nunca tenham se dado conta do quão influentes foram na formação do município.



Romancear esta verdade, além do prosaico cotidiano existente em Uru, exigiu que eu me debruçasse no decorrido tempo e extraísse desta quase desconhecida urbe - inúmeras outras no Brasil também o são - singular registro, amparada em fatos históricos de quando o país vivia do apogeu da exportação de café e da chegada de estrangeiros europeus em substituição à mão de obra escrava.

Trazer para época presente a história de estimados familiares, muitos dos quais jamais compartilhei afetividade senão dentro de meus escritos, faz-me confessar: recolhi o pó existente na soleira do tempo e cuidadosamente o transformei em admiráveis memórias.

(e essas memórias poderão ser lidas, em ... *Na soleira do tempo*).

Lucelena Maia
Presidente - Gestões 2013/2014
2015/2016 e 2019/2020
Cadeira 13
Patrono: Humberto de Campos



Vertentes Poéticas

EM MEU DISCURSO DE POSSE nesta Arcádia, declarei, solenemente, que nunca havia passado pela minha cabeça a ideia de me tornar uma Acadêmica. Ser imortal, mesmo que literariamente, confesso que me assusta um pouco.

Mas, tudo bem, sem entrar em detalhes desnecessários, cá estou, orgulhosamente, participando, pela primeira vez desta extraordinária Revista ARCA, a convite de seus organizadores acadêmicos.

Pus-me a questionar qual seria o melhor tema a ser abordado, e, aí, começaram a surgir as dúvidas. Eu deveria tomar cuidado para não ser cansativa, com assuntos áridos, de pouco interesse.

Cheguei a pensar em curiosidades do mundo animal, em passagens de nossa História Nacional e até Internacional!

Mais recentemente, interessei-me por versificação, mas confesso que me senti meio perdida entre os versos alexandrinos, com seus hemistíquios e cesuras, sem falar na técnica da contagem das sílabas poéticas e nas redondilhas maiores e menores, além das sinéreses e das diéreses! ...

Ative-me, por momentos, ao Soneto, essa nobre forma de poesia clássica, com suas duas quadras, rimadas entre si, e seus dois tercetos, também com rimas intercaladas, culminando com o chamado “fecho de ouro”.

E, fui além, analisando as singelas trovas, que são composições poéticas de 4 versos, de sete sílabas poéticas cada um, rimando o 1º verso com o 3º e o 2º com o 4º, tendo sentido completo, e, geralmente, obedecendo a um tema.

Sem falar nos Haicais, delicadas manifestações poéticas de origem japonesa, que, sob um título, aborda temas líricos, filosóficos ou aspectos da natureza, em apenas 3 versos: o 1º e o 3º com 5 sílabas poéticas (a redondilha menor), rimando entre si e o 2º, com 7 sílabas poéticas (redondilha maior), rimando seu início com seu final...

Então, recolhi-me às minhas atividades de atuante no Ensino Fundamental, talvez abordando questões didáticas, dificuldades com alunos problemáticos ou com as aulas “online”, impostas por esta horrorosa pandemia, que não há meio de acabar. Mas nenhuma conjectura me satisfaz: as dúvidas ficaram maiores que as certezas, e me re-primino, antecipadamente, pelo medo de tornar-me desagradável...

Em meio a estas divagações, ao voltar de minha escola, ontem, fui interpelada por um moço maltrapilho, magro, de feições envelhecidas, que me estendeu sua mão calosa, com um pedido aflitivo:

- Moça, me dá uma ajuda, pelo amor de Deus. Tenho três crianças em casa, estou desempregado desde dezembro. Estamos passando fome!

...



Ajudei-o como pude, e ele se afastou a passos hesitantes, abordando outras pessoas...

Só então surgiu-me a inspiração digna de uma crônica: a extensão, a importância e o espírito cristão da caridade, sem a qual não há mérito básico possível!

Vamos nos preocupar com o nosso próximo, atentos aos ensinamentos de Jesus e embalados pelas palavras do poeta que pesquisei, quando preparava o tema sobre versificação, Djalma Andrade:

“Que eu transponha tropeços e embaraços:
Que eu não coma, sozinho, o pão que possa
Ser partido, por mim, em dois pedaços!...”

E, vejam bem, são versos decassílabos!

Marly T. Estevam de Camargo Fadiga
Cadeira 06
Patrono: Mario Quintana



Reggio Calabria

EM GERAL, A CALABRIA não é o destino turístico mais procurado da Itália, Il Bel Paese. Mas, para minha sorte, italiana com origem no Norte, fui levada ao sul, por compromissos profissionais. A Calabria é uma das vinte regiões políticas em que a Itália está dividida, semelhante aos nossos Estados. É uma longa e estreita península montanhosa e acidentada, entre os mares Tirreno e Jônico, formada pelos Apeninos Calabreses: apenas nove por cento de seu território é ocupado por planícies. As rochas dominam seu relevo, abrigo de uma natureza selvagem. E mesmo assim, se cultiva a terra. Essa região política está dividida em cinco províncias, que são sedes administrativas: Catanzaro, Cosenza, Crotona, Reggio Calabria e Vibo Valentia.

Meu destino foi Reggio Calabria, bem na ponta da bota; no dedão, para ser mais exata. A cidade remonta a tempos imemoriais. Há registros de ocupação desde o século XII a. C. É tempo suficiente para a dominação por vários povos, reinos e impérios diferentes, cada um, é claro, deixando suas marcas naquela terra e na alma dos calabreses: Enótria, Magna Grécia, Império Romano, Império Bizantino, Normandos, Suábios, Anjous e

Aragoneses... Já fez parte do Reino de Nápoles, do Reino das Duas Sicílias e, finalmente, foi integrada à Itália.

Por falar nisso, o nome sob o qual foram unificados todos os diversos pequenos Estados existentes na Península, no período denominado Risorgimento (1815-1870), para formar o que hoje conhecemos como Itália, foi um presente da Calabria. Na Idade do Ferro (XII a VIII a. C.), os enótrios, provavelmente, os primeiros colonizadores gregos da Itália, viviam em Campania, Puglia, Basilicata e na Calabria (Reino de Enótria) – e, benditos sejam: trouxeram as vinhas!

Italo, herói da mitologia grega, foi rei dos enótrios, que, devido a isso, passaram a ser chamados de ítalos, e a Enótria passou a ser conhecida como Itália. Com o tempo, apenas a Calabria ficou sendo chamada de Itália, até que a denominação fosse finalmente estendida para o país como um todo.

Reggio Calabria está localizada no Estreito de Messina, que separa a Itália continental da ilha da Sicília. Ao longe, é possível enxergar o Etna, vulcão ativo, cuja erupção mais recente foi no mês passado, fevereiro de 2021.



A partir do alto, da direita para a esquerda: *Bronzi di Riace*; *Etna*; Castelo Aragonese; Monumento à Athena com o Estreito de Messina ao fundo; *Arena dello Stretto*; Teatro Francesco Cilea; *Università Mediterranea*; ruínas das *Thermas Romanas*; Escultura de Rabarbara; bergamota.

Devido a tanta história e alternância de dominação de diferentes povos, o lugar é cercado de lendas. Até a Fada Morgana, da mitologia celta, está por lá, resquício da colonização normanda, por volta do ano 1000. Dá-se ali, no Estreito, um fenômeno físico em dias quentes de verão, em que, caminhando pelo lungomare de Reggio, se consegue enxergar os prédios e ruas de Messina, que fica do outro lado do Estreito, já na Sicília, se espelhando entre o céu e o mar, deformando-se, mas de modo tão próximo, que é possível até distinguir pessoas caminhando.

São gotículas de água suspensas no ar que funcionam como lupa? Que nada! É o feitiço de Morgana. Diz a lenda que o Rei Rogério I de Altavilla foi assim enfeitado pela fada para induzi-lo a conquistar a Sicília. Num golpe mágico, ela fez a Sicília parecer ao alcance da mão, para facilitar a empreitada, mas, o rei não atendeu ao apelo e, então, ela continua por lá, naquelas águas cujos tons vão do esmeralda cristalino ao puro azul turquesa, o que já é suficiente para enfeitar qualquer um, posso garantir.

Nessa mesma orla, se vê a Arena dello Streto, um anfiteatro grego ao ar livre, onde está o Monumento di Athena, a deusa guerreira de espada em riste que vem protegendo Reggio desde sempre. Originalmente, em 1932, a estátua foi instalada de frente para o Estreito. Desde 2001, no entanto, ela está voltada para a cidade.

Em que outro lugar do mundo Morgana e Athena convivem assim? Prova da riqueza cultural da região.

A cidade é um sítio arqueológico a céu aberto, onde se encontram resquícios desde tempos antigos até medievais, registros da dominação

de vários povos. Mas, harmonicamente, as Ruínas do Castelo Aragonese, por exemplo, convivem com a modernidade das esculturas de Rabarama.

O Museu Arqueológico Nacional, lar dos Bronzi di Riace, um dos orgulhos dos moradores locais, merece uma boa visita, pois conta boa parte dessa longa história.

Um registro especial deve ser feito sobre a Università Mediterranea, cujo Departamento de Direito é considerado “di eccellenza” pelo órgão que avalia as instituições superiores de ensino da Itália (Anvur), ocupando o terceiro lugar entre todos os cursos de direito do país. Mais um motivo de muito orgulho, inclusive para mim. A Mediterranea atrai estudantes de toda a região. A vida universitária é vibrante!

Bem, a cidade já renasceu várias vezes, após terremotos, maremotos, bombardeios, pestes.

Talvez, por isso, a padroeira da cidade seja Nossa Senhora da Consolação. A última grande reconstrução foi em 1908, após o grande terremoto, o que rendeu uma cidade, relativamente, planejada.

Essa longa sucessão de acontecimentos, alterando submissão, resistência e superação, somados a uma terra de relevo difícil e solo rochoso, espremida entre mar e montanha, moldou um tipo humano singular. O calabrés é intenso, apaixonado. Isso está no seu temperamento, na sua forma de falar – alta, gesticulada, performática –, na dedicação que demonstra nas tarefas do cotidiano, na culinária e, até, no trânsito. Talvez daí se explique a intensidade da moda de Gianni Versace, filho de Reggio. A Calabria tem várias personalidades ilustres, como o escritor Corrado Alvaro, o

pintor Mattia Preti, o artista Alfonso Frangipane e o compositor lírico Francesco Cilea, que, aliás, dá nome ao belo teatro da cidade.

O povo da região tem uma ligação inco- mum, visceral, com sua terra e com seu mar. O amor que as pessoas sentem pelo seu pedaço de chão é quase palpável. Dizer que um calabrês ama sua terra pode ser considerado pleonasma, redun- dância. Falam com grande orgulho e reverência quando se referem a ela. Soma-se a essa inten- sidade, um acolhimento terno e gentil; caloroso e sorridente. Existe mesmo algum tipo de magia naquele lugar: você vai ficando enfeitiçado por ele e, quando se dá conta, também fez laços emocio- nais com aquele mundo, aquela terra, aquela pai- sagem, aquelas pessoas.

Da culinária de sabores intensos e genuí- nos, que incorpora também frutos do mar, temos a pasta all'arrabiata, que atesta e sinaliza que os calabreses são grandes produtores e consumidores de pimenta, il peperoncino. Da parmeggiana, da pizza, da lasagna é desnecessário falar. Mas devo mencionar o gelato do Cesare, que já ganhou o prêmio de melhor sorvete da Itália, o que não é pouca coisa!

Um dos maiores orgulhos de Reggio Cala- bria tem um aroma doce e ... – é claro! – intenso, arrebatador: a bergamota (Citrus Bergamia), pe- queno e precioso fruto que, de todos os quadran- tes do planeta, escolheu aquela terra para existir com exclusividade. Além da maravilhosa docilida- de suculenta e aromática, a fruta é a mais procu- rada, em todo o mundo, pela indústria de perfu- mes. O óleo é extraído desde Villa San Giovani, no mar Tirreno, até Gioiosa Ionica, perto do mar Jônico. Para se obter um litro do valioso óleo es-

sencial são necessários duzentos quilos do Prínci- pe dos Cítricos. Isso é tão sério lá que existe, in- clusive, um museu dedicado ao fruto: Il Museo del Bergamotto.

Apesar de toda a dureza que a vida apre- senta de tempos em tempos aos calabreses, a ale- gria é sua marca registrada e natural: não preci- sam de nenhum “artifício” para se alegrarem. Eles sabem como se divertir: cantam e dançam, juntos, o tempo todo, quando para isso se reúnem.

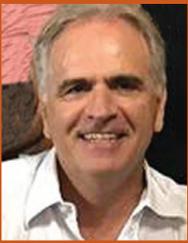
O calabrês tem um alto senso de coletivi- dade – o protagonismo existe, mas fazer as coisas em conjunto faz muito mais sentido para eles.

Como disse o poeta Leonida Repaci, des- crevendo a criação da Calabria por Deus, essa terra tem mães ternas, esposas corajosas, filhas dignas, filhos imaginativos, homens distintos, e é o lugar onde os velhos são respeitados, os necessi- tados são protegidos, os infelizes são ajudados, as pessoas orgulhosas são leais, sociáveis e hospita- leiras e os animais são amados. Na primavera há sol. No verão há sol. No outono há sol. No inverno há sol.

Até o Rei-Sol foi conquistado pela Calabria. Como eu não seria?

Wilges Ariana Bruscato
Cadeira 26
Patrono: Gregório de Matos





01- Ronaldo Frigini



02- Wildes Bruscato



03- Lincoln Amaral



04- Ma. Cândida Costa



05- João Batista Rozon



06- Marly Fadiga



07- Ma. Ignez Ribeiro



08- Sonia Quintaneira



09- Sílvia Ferrante



10- Francisco Arten



11- Ma. Célia Marcondes



12- Luiza Nagib Eliuf



13- Lucelena Maia



14- Marcos César Parolin



15- Cyro Sanseverino



16- José Rosa Costa



17- João Baptista Scannapieco



18- José Renato Noronha



19- João Otávio B. Junqueira



20- Lauro B. Borges



21- Pe. José Benedito David



22- Sérgio Meirelles



23- Celina Ma. Bastos Varzim



24- Vania Noronha



25- Susana V. Dias



26- Wilges Bruscato



27- Antônio "Nino" Barbin



28- Luiz Antonio Spada



29- Vaga



30- Neusa Menezes



31- Beatriz Castilho Pinto



32- Antonio Carlos Lorette



33- Hélio C. Fonseca Filho



34- Jorge Splettstoser



35- Nívea Barbosa



36- Carmen Lia Romano



37- João Batista Gregório



38- Donisete Oliveira



39- Ma. José Moreira



40- Ma. Cecília Malheiro



41- Vedionil do Império



42- Luiz Fernando Dezena



43- Clineida J. Jacomini



44- Raul Andrade



45- Pe. Claudemir Can

Luz Grafia

“Celebrar 50 anos desta ativa e altiva instituição é honrar o pioneirismo dos audazes e sonhadores que lançaram a semente. É ter ciência da missão institucional pétrea do zelo, do fomento, do cultivo e da colheita.”

Lauro Augusto Bittencourt Borges
Cadeira 20
Patrono: Castro Alves



Aqui Aconteço...

Posse de Marly Teresinha Estevam de Camargo Fadiga

RESPEITANDO AS NORMAS sanitárias impostas pela pandemia da Covid-19, a Academia de Letras, em primeira reunião virtual, por *live*, conduzida pela presidente Lucelena Maia e sua diretoria, empossou Marly Camargo Fadiga, ocupante da cadeira 06, Patrono Mario Quintana, em 20 de agosto de 2020. Houve apresentação musical com as confradeiras Vania Noronha ao piano e Neusa Menezes na voz. O evento continua disponível no canal do *YouTube* da instituição e no sítio desta Casa de Letras.





Premiação do 28º Concurso Literário de Poesia e Prosa

A PREMIAÇÃO ACONTECEU no dia 10 de setembro de 2020, sob a direção da Presidente Lucelena Maia e coordenação da Acadêmica Nívea Poli Barbosa, na sede da Academia de Letras, com transmissão por *live*, respeitando-se as normas impostas pela pandemia da Covid-19. Os vencedores puderam enviar vídeos manifestando-se durante o evento, que contou, ainda, com a palavra da patronesse do concurso, a Acadêmica Clineida Andrade Junqueira Jacomini, e com a palestra da Acadêmica Maria José Gargantini Moreira sobre os cem anos de nascimento de Clarice Lispector. O evento ainda pode ser visto pelo canal do *YouTube* da Academia de Letras.





Abertura do Jubileu de Ouro

REUNIÃO festiva, por *live*, para Abertura do Jubileu de Ouro da Academia de Letras de São João da Boa Vista, em 28 de novembro de 2020, sob a direção da Presidente Lucelena Maia e dos diretores Lauro Borges, Vania Noronha, Beatriz Castilho e Nívea Poli Barbosa. Acadêmicos participaram contando a trajetória da Casa de Letras, nesses 49 anos, por vídeos previamente gravados.





Antonio Spada
Acadêmico



Antonio Carlos R. Lorette
Acadêmico



Wildes Antônio Bruscato
Acadêmico



Carmen Lia Batista Botelho Romano
Acadêmica



50



Sérgio Ayrton Meirelles de Oliveira
Acadêmico

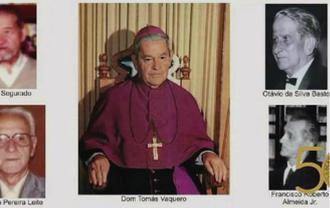


Maria José Gargantine Moreira da Silva
Acadêmica



Can - Maria Cândida de Oliveira Costa
Acadêmica

Realizadores da Academia de Letras
de São João da Boa Vista



50



José Ricardo Bittencourt Noronha
Acadêmico



Francisco de Assis Carvalho Arten
Acadêmico



Luiz Fernando Dezena da Silva
Acadêmico



50



Marly T. Estevam de Camargo Fadiça
Acadêmica



Pe. José Benedito de Almeida David
Acadêmico



50



50



Donisete Tavares Moraes Oliveira
Acadêmico



Clineida Andrade Junqueira Jacomini
Acadêmica



José Rosa Costa
Acadêmico



50



Raul de Oliveira Andrade Filho
Acadêmico



Antonio "Nino" Barbin
Acadêmico

Posse da Diretoria 2021-2022

MAIS UMA VEZ a Academia de Letras optou por *live*. Dessa forma, em janeiro, deu-se início aos trabalhos para transmissão de Diretoria e lançamento da Agenda Cultural 2021. O acontecimento contou com números musicais: Vania Noronha ao piano, com música de Edu Lobo. Composições da acadêmica honorária Edivina Noronha de Andrade, por Maria Cecília Malheiro (voz) e Black Moa (violão)

www.youtube.com

Fotos: Davis Carvalho



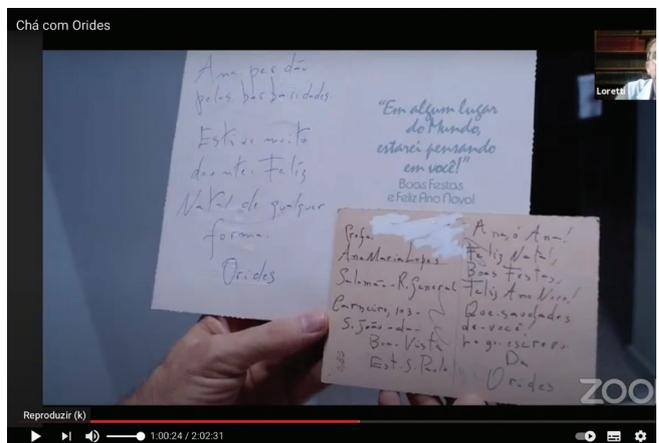


Coisas de Orides

NO DIA 17 DE ABRIL DE 2021, a Academia de Letras de São João da Boa Vista realizou seu primeiro Chá Literário Virtual em homenagem à poeta sanjoanense Orides Fontela, patronesse da Cadeira 32, que naquele mês estaria completando 81 anos.

Em clima de bate-papo, o acadêmico Antonio Carlos Rodrigues Lorette, ocupante daquela Cadeira, apresentou objetos referentes a Orides que estão sob guarda da Academia e propôs rumos para a preservação da memória da poeta em sua terra natal. Fatos importantes foram revelados durante a interação com os acadêmicos.

O evento marcou a inauguração da vitrine destinada a abrigar as “Coisas de Orides” e, também, um novo formato para as reuniões acadêmicas, realizadas pelo *Zoom* e sincronizadas ao *YouTube* para transmissão simultânea aberta ao público.



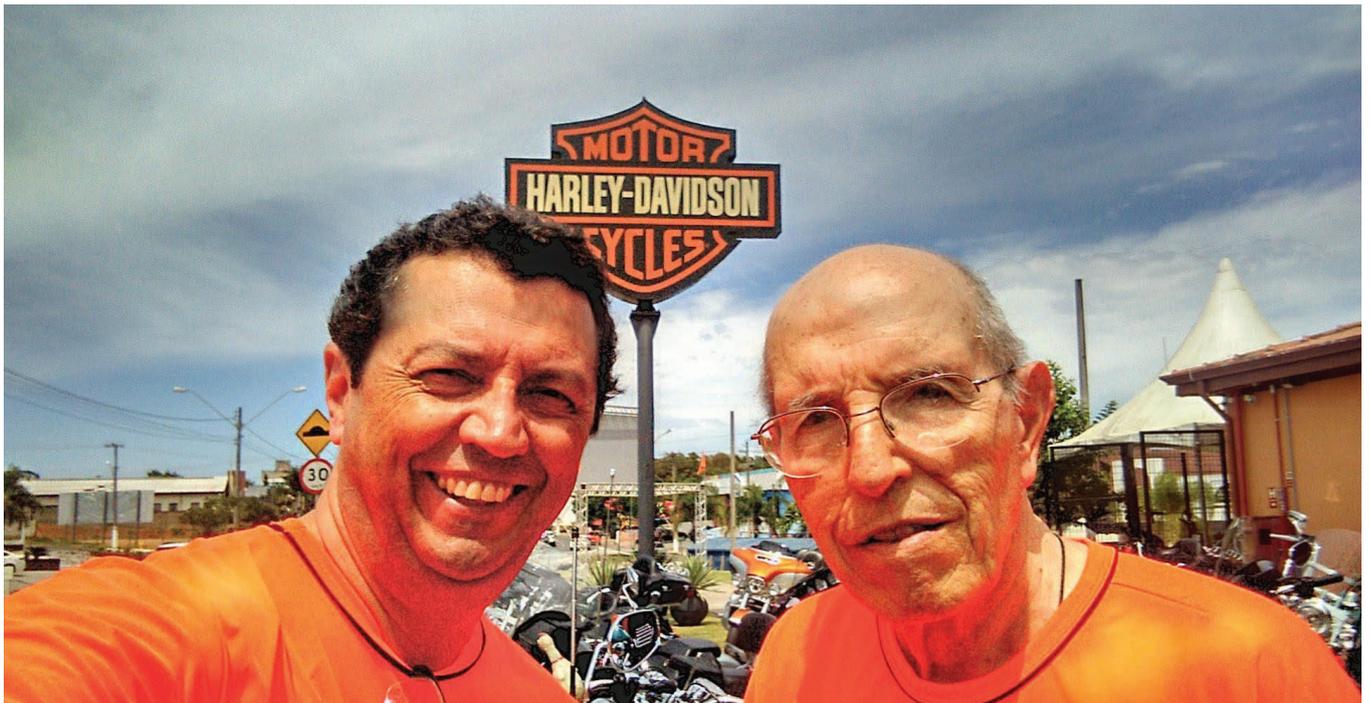
Emoções Aceleradas

NO DIA 8 DE MAIO DE 2021, a Academia de Letras de São João da Boa Vista realizou um Chá Literário Virtual, com palestra apresentada por Eduardo Barros, consultor de empresas e coach. É o testemunho de um filho que, movido pelo amor, abraçou o desafio de rodar numa estrada desconhecida.

Seu relato mostra como a situação do pai, vitimado por um AVC, levou-o a tomar uma decisão que não só impactaria sua vida pessoal e profissional, como também lhe ofereceu a oportunidade de ser uma pessoa melhor.

A crônica escrita pelo palestrante, “Um estilo de vida” encontra-se publicada na seção “Pensamento & Pesquisa”, no site da instituição.

O evento está disponível no canal da ALSJBV no *YouTube*.



Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo

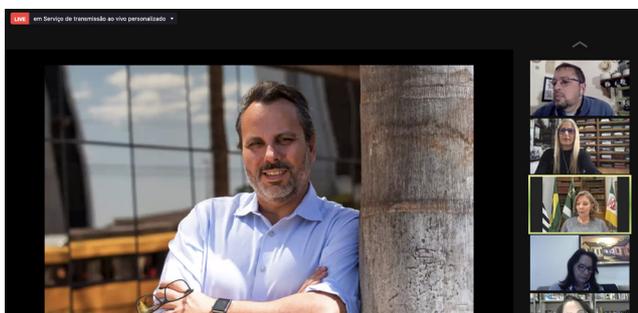
NO DIA 29 DE MAIO, a Academia de Letras de São João da Boa Vista realizou seu 3º Chá Literário Virtual de 2021, com palestra apresentada pela acadêmica Carmen Lia Batista Botelho Romano. O evento propiciou uma visão geral da vida e obra dessa escritora singular, que desperta emoção e empatia ao retratar as cores da vida e a árida realidade brasileira.

A palestra está disponível no canal da instituição no *YouTube*.



Atualidade de Paulo Freire

NO DIA 19 DE JUNHO, a Academia de Letras de São João da Boa Vista realizou seu 4º Chá Literário Virtual de 2021, com uma palestra acerca da vida e obra de Paulo Freire, educador e filósofo cujo centenário de nascimento se comemora este ano. A discussão ficou a cargo do acadêmico João Otávio Bastos Junqueira e da Profa. Dra. Patrícia Furlanetto, dois especialistas na área. O evento saudou o 197º aniversário de São João da Boa Vista, celebrando em verso e imagens de Lauro Borges sete mulheres da cidade e os sete mil tons de seu crepúsculo. O evento está disponível no canal da instituição no *YouTube*.



Posse do Acadêmico Hélio Correa da Fonseca Filho

NO DIA 24 DE JULHO DE 2021, a Academia de Letras de São João da Boa Vista realizou a solenidade de posse de Hélio Correa da Fonseca Filho como titular da Cadeira nº 33, que tem por patronesse a escritora Cora Coralina. Em razão do momento pandêmico, participaram do evento apenas a diretoria e a família do neocadêmico, além do pianista Fernando Cunha, responsável pelo brilho musical da noite.

Foi prestada uma singela homenagem à memória do pai do neocadêmico, o jornalista Hélio Correa da Fonseca, membro fundador desta Casa de Letras em 1971. Coroando a cerimônia, “Helinho” recebeu da mãe o medalhão que pertencera a seu pai.





Premiação do 29º Concurso Literário de Poesia e Prosa

NA NOITE DE 14 DE AGOSTO de 2021, a Academia de Letras de São João da Boa Vista realizou sua 279ª Reunião Ordinária, com a premiação dos finalistas do tradicional Concurso Literário, agora na 29ª edição, que teve como patrono o acadêmico João Batista Rozon.

O evento, realizado de forma remota, foi enriquecido por vídeos enviados pelos autores premiados, com momentos de grande emoção. Confira no canal da instituição no *YouTube*.





Prosa ao piano: Guiomar e outras notas

A ACADEMIA DE LETRAS de São João da Boa Vista foi parceira da 44ª Semana Guiomar Novaes no recital em que o pianista sanjoanense Cláudio Richerme apresentou “Prosa ao piano: Guiomar e outras notas”. Richerme, seu discípulo, interpretou peças do Ciclo Brasileiro, de Villa-Lobos e, complementando, dialogou com membros da Academia de Letras de São João Boa Vista a respeito da arte e das lições da mestra, bem como das peças que selecionou para este concerto, realizado no Theatro Municipal. O histórico evento, que presta homenagem aos dois talentos musicais sanjoanenses, está disponível no *YouTube*, na plataforma *#CulturaEmCasa* e no *Facebook* da TV União.



Comunicar, verbo transitivo direto e indireto

ESSE FOI O TEMA da mesa-redonda que reuniu os jornalistas Profs. Drs. José Dias Paschoal Neto (Unifae, São João da Boa Vista) e Cláudio Magalhães (Núcleo de Estudos da Realidade Virtual – Centro Universitário UNA, Belo Horizonte), este último participando de forma remota. O evento, mediado pela presidente Beatriz Castilho, marcou o retorno da Academia de Letras às atividades presenciais, com obediência aos protocolos sanitários, em outubro de 2021. Dentre os assuntos debatidos, destacaram-se as reflexões sobre as interfaces homem-máquina, a “sociedade do espetáculo” em seu ápice, o protagonismo dos dados em detrimento das audiências, o capitalismo de vigilância, a virtualidade real, o conceito de “pós-humano” e o nosso futuro num mundo hiperconectado, mas afogado em informações irrelevantes e faminto de afetos. O debate está disponível no canal da instituição no *YouTube*.



Sopa de Letras

EVOCAÇÃO

ATRAVESSO CAMADA de poluição mental motivada pela primeira pandemia que vivo, nestes anos que deslizam pelos degraus da existência. Para tal conto sempre com a alegria, tapete por onde piso, segura, para levar-me à graça da vida.

É noite de festa! Evoco um evento. A Academia de Letras escolheu a Pousada do Bosque para celebrá-la. Estou, agora, em junho de 2006.

Paro atenta no salão preparado para receber os acadêmicos que vão chegando e tomam seus lugares. Está todo engalanado para o momento alto da noite. É que a Bia (carinhosamente como chamamos nossa confreira Beatriz V. C. Castilho Pinto) é a palestrante designada para enobrecer o evento.

Nos cantos do salão em canteiros sobre a terra, palmeiras com suas folhas verdes e brilhantes, são destaque à decoração. “Está elegante”, observa meu silêncio.

A lareira abraça o fogo manso e espalha perfume de lenha incandescente aquecendo o frio que entra lá de fora.

Bia, mocidade em flor, extraiu de um conto de Machado de Assis palavras exatas para a abordagem, atraindo olhares e atenção da plateia. Deu o nome do conto que expunha – Terpsícore, publicado na Gazeta de Notícias em 1886.

Apresentou-nos Firmino, perdido em contas e mais contas que se amontoavam em sua cabeça, enlouquecendo-o, e seis meses do aluguel atrasado, minha casa, casa onde moro com minha mulher. Glória, glória de minha vida. Agora que faço?

Vai andando pela rua, voltando do trabalho. Tonto, Firmino em desespero, topa com o vendedor de bilhetes de loteria e compra os últimos números: bonitos, verdinhos, nem contou para a mulher, espantaria a sorte. E, dias depois, Firmino saiu premiado:

– Glória de minha vida, estamos ricos! –
Dá para pagar as dívidas? – Sobra, mulher, sobra.
– Vamos pôr a sobra na Caixa, lhe diz, precavida que é. – Não, que na Caixa, que nada, vamos dar uma festa de comemoração à fortuna. Vou lhe dar



um vestido de seda azul... – Não quero, Firmino, vamos pôr na Caixa, não preciso de vestido de madame, insistia Glória, já meio seduzida.

Bia termina o conto. Aplausos, risos, palavra aberta para debates. Não houve debates, nem apartes, só palmas.

Passamos para o restaurante. – Não, não é sopa? Ah, que pena, cairia tão bem nesta noite fria. Não tem sopa.

Em uma grande bandeja sobre o bufê fumegavam minimoranguinhas recheadas com creme de camarão com catupiry, decoradas com as próprias tampinhas com seus cabinhos; fizeram sucesso. Também o bonito rosbife, com batatas à inglesa, um réchaud contendo molho de vinho e champignons. Farofa, também conhecida como farofa do bosque pelos segredinhos que lhe dão aquele gosto que jamais se conta – delícia!

Letrinhas voam de tantas cabeças letradas. Letrinhas expressando a magia da PALAVRA.

Agora, vão se retirando os acadêmicos, em grupinhos, e fim de festa, fim de papo.

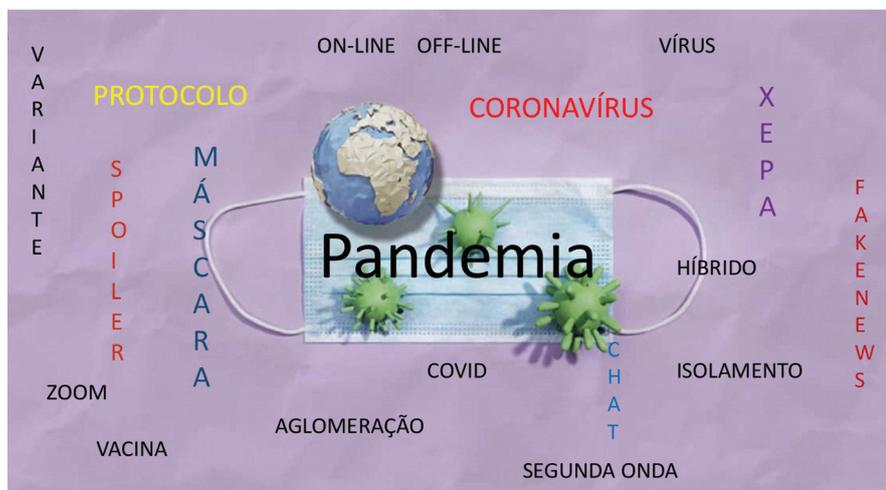
Silêncio no ambiente vazio. Recosto-me no sofá. Na lareira, resto do fogo, brasas cobreadas. Calorzinho que me amolece o corpo. Ouço um som de valsa vindo de um oficlíde ou de uma flauta? O par que dança sai do conto para o sonho, Firmino aperta sua Glória, só glória, num vestido de seda azul.

Maria Cecilia Azevedo Malheiro
Cadeira 40
Patrono: Monteiro Lobato



Afiando a Língua

Pandemia d(n)as palavras



PANDEMIA! Talvez, se fôssemos fazer uma pesquisa, não incorreríamos em erro ao dizer que uma das palavras mais utilizadas, há mais de um ano e meio por todo o mundo, seja em que língua for, é esta: pandemia. Palavra esquecida e pouco usada desde a última gripe espanhola no século XIX.

Ao fazer uma retrospectiva com relação à linguagem utilizada nestes tempos sombrios, muitas palavras voltaram a aparecer... Palavras adormecidas nas páginas dos dicionários, relegadas ao obscurantismo, dada a inutilidade de seu uso.

Por outro lado, aqueles vocábulos ressurgidos pela necessidade do momento retomaram seu espaço em nosso linguajar diário. É fato que muitos deles, já existentes, renovaram seu sentido, adquirindo um novo significado diverso do originário. Todos sabemos que algumas palavras envelhecem com o tempo e caem em desuso como folhas outonais. Mas também sabemos que muitas delas renascem como botões adormecidos à espera da floração, e reaparecem com todo seu vigor.

Assim, a pandemia atacou até nosso mais simples ato que faz com que nos diferenciemos dos demais animais: o ato da fala e seus signos linguísticos.

Quem diria que a palavra máscara – usada no teatro grego para caracterizar o personagem na comédia e tragédia e que, no meu tempo, servia para abrigar os olhos dos jatos de lança-perfume lançados por algum pretendente para chamar nossa atenção – passaria a ter outra e bem diversa função: a de ser um acessório obrigatório no nosso dia a dia para nos proteger do coronavírus? Está aí outra palavra até então pouco conhecida – e a mais

temida ultimamente, tal qual ocorrera com “aque-la doença”, o câncer, no século passado, nome que sequer era dito por medo de se atrair a doença. O próprio nome deste “*mal du siècle*”, Covid, nem se supunha que viesse a existir há dois anos.

Aglomerção e isolamento tinham outros significados até há pouco tempo. Esta indicava o retiro espiritual que se fazia para atos de reflexão religiosa, ou a maneira como vivem as carmelitas por vontade própria e não obrigação; aquela, no sentido de excesso de pessoas em liquidações, filas ou shows aguardados por fãs, hoje é um ato de desrespeito ao que recomendam a OMS e as regras exigidas pela situação “viv(g)ente”.

E por aí vai... Quarentena era o tempo de confinamento em que as parturientes se mantinham reclusas por quarenta dias, inclusive, passem, sem poder lavar a cabeça e sair ao sereno. Hoje entendemos quarentena como essa sensação de pavor à espera do que poderá nos suceder se não seguirmos à risca os protocolos sanitários. Protocolo? Outro vocábulo mutante cujo sentido remetia aos registros dos atos públicos na Idade Média e, neste momento, remete aos cuidados que devemos ter com relação à contaminação do vírus aterrorador.

Híbrido, quem, em sã consciência, imaginaria que esta palavra de cunho científico (que tanta polêmica causou na agricultura) seria usada na aceção de “cruzamento” de ensino presencial com remoto? Remoto, hoje, à distância, isolado, referia-se primordialmente à possibilidade de mudarmos de canal sem nos levantarmos do sofá, até responsável pela aquisição de uns quilinhos a mais no peso.

E como era bom esperar uma segunda onda para se deixar levar até a areia... Era sempre mais forte que a primeira... Hoje, queremos fugir dela, a variante Delta (outrora, apenas a quarta letra do alfabeto grego), agora o mais potente contagiante do momento!

Sem contar os inúmeros estrangeirismos a contaminar nosso idioma para complementar a falta da palavra exata em nossa língua para designar determinado fato, já com sentido difuso (deturpado, em vários casos) do dicionarizado. Em meio a quantos *zoom*, *streaming*, *spoiler*, *on-line*, *off-line*, *chat*, *lock down*, *influencer*... Quem não trabalhou em *home-office*, quem não se assustou com *fake news*, quem não se cansou das *lives*, quem não pediu uma pizza pelo *delivery* ou usou o *drive thru* para pegar um sanduíche?

Será que vai chegar a hora em que poderemos usar a palavra xepa, apenas com o sentido de restos de fim de feira e não de imunizantes? Quando voltaremos a poder sentar tranquilamente à mesa de um restaurante e ser servidos por um “*sommelier*” que nos sugerirá a melhor safra e não a melhor vacina?

Tirando o momento crucial pelo qual estamos passando, um lembrete é muito importante: quanta criatividade há no ser humano que faz uso deste conjunto de códigos linguísticos, ou seja, a palavra, para estabelecer a comunicação!

Quão fascinante é saber que falamos e pensamos pela linguagem, sistema esse passível e possível de transgressões, rupturas e adaptações às necessidades impostas pelo momento.

Muitas dúvidas surgem com relação à nossa vida pós-pandemia. Mas de uma coisa podemos ter certeza: a nossa língua portuguesa, nunca mais será a mesma...

O meu desejo a todos os falantes deste planeta, seja em que idioma for, neste novo normal que se anuncia, é que ele nos seja tão surpreendente e adaptável como a linguagem...

Maria José Gargantini Moreira da Silva
Cadeira 39
Patronesse: Clarice Lispector



Livros

SUGESTÕES

TENDO NA LEMBRANÇA recente as imagens e emoções da minha posse na Academia de Letras de nossa cidade no dia 24 de julho pp., fui convidado a escrever para esta edição da nossa ARCA.

Que alegria e responsabilidade!

Orientado pelo meus pais à leitura de jornais diários e algumas revistas semanais desde muito jovem, tenho esta como uma prática costumeira que, com o tempo, fui afunilando e escolhendo as preferidas. Sou do tempo dos jornais Diário de São Paulo e revista Realidade, hoje substituídos pela Folha de São Paulo e revistas Veja ou Época.

Mantenho ainda o hábito da leitura diária do jornal, iniciando pelas notícias do Brasil e dando uma rápida folheada pelas do mundo em geral;

no entanto, não abandono o noticiário local, hoje apenas através do jornal O Município e da nossa TV União.

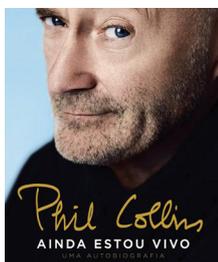
Atualmente, depois destas leituras diárias, o que consome meu tempo são livros ligados à música popular brasileira, preferentemente a internacional, tema pelo qual optei para fazer as indicações de leitura para nossa ARCA. Meu acervo passa de 150 títulos nessa área e é sempre uma viagem a cada leitura.

Escolhi os quatro livros que mais me marcaram, ressaltando que um deles presta-se antes a uma leitura esporádica, que desperta curiosidade demais, pois se trata de um dicionário e ninguém, é claro, vai ler tal obra do começo ao fim como um outro livro qualquer... E nesse dicionário aparecem sanjoanenses que fizeram e ainda fazem sucesso.



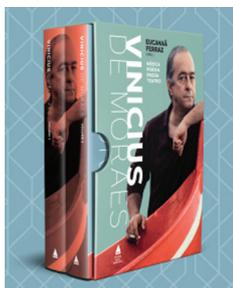
A NOITE DO MEU BEM – Ruy Castro - Companhia das Letras, 2015

A história e as histórias do samba-canção escritas de maneira peculiar pelo consagrado autor/jornalista Ruy Castro.



AINDA ESTOU VIVO – PHILL COLLINS – UMA AUTOBIOGRAFIA – Editora Best Seller, 2018

Consagrado inicialmente como baterista da Banda Genesis e depois em carreira solo como instrumentista e intérprete, essa autobiografia é uma viagem completa pela carreira do astro pop Phill Collins.



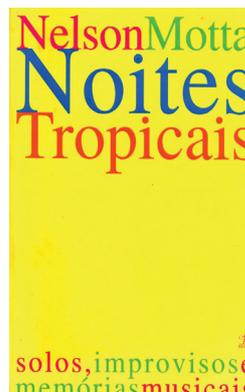
VINICIUS DE MORAES - Volumes 1 e 2 - Eucanaã Ferraz – Editora Nova Fronteira, 2017

Vinicius de Moraes dispensa apresentações. O volume 1 traz a poesia e a prosa do escritor, enquanto o volume 2 cuida da música e produção teatral, sendo que a opção por dois volumes teve por objetivo facilitar o conhecimento da obra do incansável poetinha camarada.



DICIONÁRIO HOUAISS ILUSTRADO - MÚSICA POPULAR BRASILEIRA – Ricardo Cravo Albin – Editora Paracatu, 2006

A pesquisa e leitura esporádica desse dicionário é uma viagem diária ao mundo da nossa MPB. A obra possibilita o fácil entendimento do tema, dentro de suas diferentes vertentes e opções.



NOITES TROPICAIS Nelson Motta Editora Objetiva Ltda., 2000

Os bastidores da música brasileira. Gênios e pilantras. Roqueiros e sambistas. Um elenco de estrelas numa trama de sucessos e fracassos. Compositor, produtor, diretor artístico, crítico musical, revelador de talentos, Nelson Motta conta nesse livro o que viu e ouviu nos bastidores. Um livro de memórias para ser lido como um romance vertiginoso.

Hélio Correa da Fonseca Filho
Cadeira 33
Patronesse: Cora Coralina



Jornalista Responsável: Francisco de Assis Carvalho Arten
Projeto Gráfico: Fernanda Buga
Edição: Lucelena Maia
Diagramação: Neusa Menezes
Distribuição: Academia de Letras de São João da Boa Vista
Revisão: Beatriz V. C. Castilho Pinto
Maria José Gargantini Moreira

Academia de Letras de São João da Boa Vista

Presidente Beatriz Virgínia C. Castilho Pinto
Vice-Presidente Lucelena Maia
1ª Secretária Nívea Poli Barbosa
2ª Secretária Maria José Gargantini Moreira
1º Tesoureiro Lauro Augusto Bittencourt Borges
2ª Tesoureira Vania Gonçalves Noronha
Conselho Fiscal Donisete Tavares Moraes Oliveira
João Otávio Bastos Junqueira
Wilges Ariana Bruscato

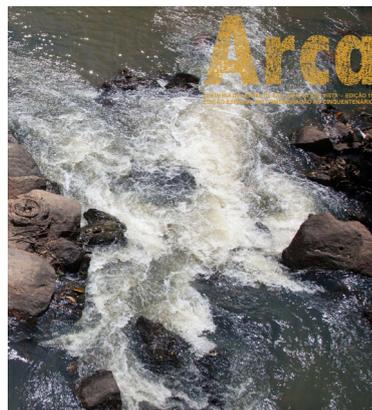
Contato

Praça Rui Barbosa, 41 - Estação das Artes
13870-269 - São João da Boa Vista-SP
academiadeletras@alsjbv.art.br

www.alsjbv.art.br
Instagram: @alsjbv
Facebook: [facebook.com/alsjbv](https://www.facebook.com/alsjbv)
YouTube: Academia de Letras SJBV

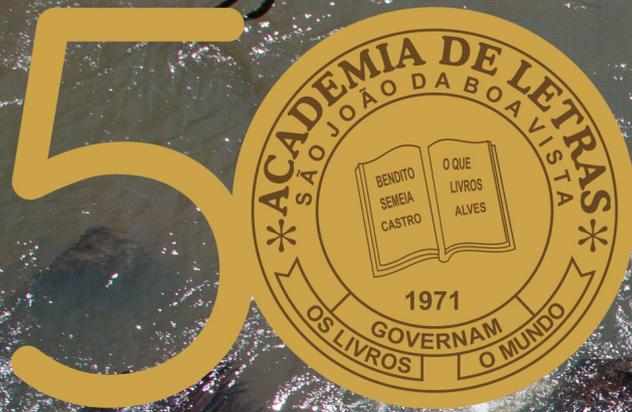
Novembro de 2021

FOTOS:
Lauro B. Borges
pág. 2, 33, 36, 37, 38, 39, 41, 44, 45, 47, 48, 53, 62, 75, 77
Lucelena Maia
pág. 2, 3
Luiz Carlos Flamino Zamgrande
pág. 50, 51
Sílvia Ferrante
pág. 26, 29, 35
Samantha Moreira
pág. 80, 81
Diamond Produtora
pág. 2
João Otávio Bastos Junqueira
pág. 8, 9
Francisco Arten
pág. 13
Davis Carvalho
pág. 19, 60, 61, 66, 67
Fritz Nagib
pág. 15, 25
Maria Cecília Malheiro
pág. 79
Wilges Ariana Bruscato
pág. 55
Internet
pág. 12, 49, 83
Nívea Poli Barbosa
pág. 10, 11
Dhanilo Francisco
pág. 72, 73
Eduardo Menezes
pág. 7
Amigos da Arte
pág. 76
Matheus de Paula Gião Lianda
pág. 76
Acervo Antonio Carlos Lorette
pág. 17
Acervo Neusa Menezes
pág. 4, 5, 6
Acervo Academia de Letras
pág. 2, 19, 21, 31, 58, 64, 65, 68, 69
Acervo Diocese São João da Boa Vista
pág. 22



fotografia de capa
Fritz Nagib

“Se a terra é a mãe, o rio é nosso pai, fertilizando-a e carregando em seu leito a evolução da humanidade. Como os animais e as plantas, o rio precisa de atenção: é só o que nos cobra em troca da vida.” FN
Todas as fotos do rio foram tomadas na região central da cidade.



1971 - 2021